

**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

UMA SENSACIONAL  
ENTREVISTA COM O GENERAL

**NORTON DE MATOS**

♦ VER PÁGINAS CENTRAIS ♦



**ANO V**

**PREÇO AVULSO 1\$80 / 15 DE NOVEMBRO DE 1945 N.º 235**



DIRECTOR:  
 JOSÉ CANDIDO GODINHO  
 EDITOR:  
 PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"  
 EDITORA, LIMITADA

# O OXIGÉNIO E O AMOR

por Manuel Marinho

**A**INDA acredito, plamente, na mulher fatal. Poderá dizer-se, com certa propriedade, que já marcharam na lousa do romantismo, as últimas e descoloridas pétalas da saudade. Acredito, porém, que o amor romântico é um fluxo que, nascendo no coração, se evola, em espirala, à procura do céu — e duns olhos sonhadores que para lá caminham.

Tem sei que é impossível amar neste século da velocidade, do avião, dos jantares sintéticos — em comprimidos — como se amava um século atrás, à luz do candeeiro, com madrigais e serenatas. Já não há tempo para dedilhar suaves harpejos de doloroso infortúnio — quando a vida, vertiginosa e cêlere, nos grita, todas as manhãs, como um clarim de combate, a marcha do egóismo. Daí, também, esse esquecimento imperdoável da mulher — que faz tudo para conquistar o homem — e deixou ao canto do canapé a rendinha e as meias de lã para as crianças do asilo.

Hoje, habitualmente, a mulher uniformizou-se pelo mesmo figurino. Nem já essa diferença de tipos — tão agradáveis para certos homens — pode existir. Morenas, louras, esguias, górdas ruivas — tudo se modificou com as academias de beleza. Adoçam-se narizes, retinham-se rostos abonecados, estreitam-se cinturas, tornam-se carmidos os lábios abcos; põem-se dentes desde platina ao ouro de lei; as cores de cabelos podem ser alteradas de manhã e à noite; e ainda pior do que isso: com dietas e tratamentos a adiposidade desaparece e espalha no rosto a maclenta crítica de anemia em último grau de apefeloamento.

Como pode, pois, um homem hoje, reconhecer amanhã a mulher por quem se apaixonou numa tarde de Primavera — se a encontra passados dias, revirada do avesso?

(Continua na página 16)

Três fotos de Linda Christians, novo artista da Metro, meio mexicana meio holandesa.

Tem 22 anos, é linda, mesmo sem ser no nome, e chamam-lhe, pelo sua perfeição de formas, «A bomba anatómica»! Hollywood descobriu-o, e que prova que Linda Christian é, também, uma rapariga cheia de sorte!...

E, confessemos, chamarem-lhe «bomba anatómica» não deixa de ter sua graça!





# QUEM NÃO CONHECE?

POR HORTENSE DE ALMEIDA

Quem não a conhece? Cruza-se comôco logo de manhãzinha, a bóca pintada de rubro, os olhos polsados no relógio de pulso.

A tarde volta a passar por nós já menos apressada, parando até, aqui e ali, defronte dos escaparates das lojas de modas.

Tem uns escassos vinte anos ou anda à beira de trinta. É alta, é baixa, é magra, é gorda, é lera, é morena, é bonita, é feia. É uma anónima de todos conhecidos. É ela — dactilógrafa, telefonista, caixa, praticante de um escritório qualquer.

É ela — a mulher que trabalha seis, sete, oito ou tantas vezes mais, até amarrada a uma máquina, a um telefone, a uma mesa para no fim do mês auferir duzentos, trezentos, quatrocentos ou tantos de ordenado.

Quem não a conhece?

\*\*\*  
Di conheci uma particularmente. Era uma garota bonita, de olhos verdes e cabelo loiro.

Um, dois, três, quatro anos, levou uma existência modesta, a tocar com uma varinha mágica no seu purquíssimo ordenado para o fazer chegar às primeiras necessidades.

Um, dois, três, quatro anos! Um, dois, três, quatro anos de trabalho, de caseiras, de pontapés, de vilipêndios e de desluzados.

Um, dois, três, quatro anos! Certa noite o pai deitou-as, a ela e à mãe, para ir para a tardinha (uma tarde chuvosa e fria) o cemitério.

Das mulheres só se... trezentos e cinquenta meses de ordenado...

Os meses foram passando, um a um, monótonos; meses ásperos, de necessidades, de aflições e de lutas.

Um aumento de ordenado seria um luxo a que a patrão se não prestava e, depois, mesmo mais exigente, mais cem, mais duzentos escudos para que servia! — Quarto, luz, água, comida e... alguns trapos velhos transformados vinte vezes para agradarem à decência.

Positivamente aquela vida era insustentável! A mãe cansada, velha, carcomida de ralações caiu à cama. E em breve vieram: o médico, os remédios e as lamentações da velhota!

Pouco a pouco, como uma montanha gigante que se desdobra a dia uma erosão, a pequena ia caindo no desánimo, perdendo a vontade de lutar, tornando-se farrapo, automático, triste joguete nas mãos da vida.

Um dia entrou no escritório um pouco mais tarde, levava umas grandes olheiras róxas, uma expressão abatida das noites de vigília.

O patrão olhou-o sozinho. A pequena emagrecera, perdia as cores, o brilho do olhar... positivamente o caso não ia bem.

Como-o! Ela foi como um côrto que depois de uma malhadse se encolhe para não lhe buterem. Sabe bem o que ée queira. Aquilo não podia continuar assim. Desde a doença da mãe a graveta do senhor Ferreira abre-se generosamente. Primeiro tirou uns mil escudos pedidos a mão, de olhos no chão, sem saber, sequer, com que pagar. Mas o patrão cedera prontamente e lá em casa a velhota já não morria sem tratamento. Depois, mais mil, mais mil, e mais mil ainda. Quatro mil escudos de ajuda (fora as outras, as antiças, desde a morte do pai, na padaria, na mercearia, no talho).

Que fazer? Contudo, o patrão olhou-a com indignação, mandou-a sentar a seu lado no sofá do gabinete e, como quem fala a uma criança, foi-lhe dizendo quanto lamentava aquela situação, a doença perniciosa da mãe, tudo aquilo, a tristeza da pequena... Ah! Como ée tinha saudades da empresa dos primeiros anos que entrava como um rio de luz pela manhãzinha no escritório! E, Ferreira, até vinha mais cedo só para a ver, rir, para a ouvir falar. Agora fugia com pena daqueles seus olhos sempre tristes. Mas... como valer-lhe? Aumentar o ordenado era impossível. Se fosse só de, estava ela bem mas os sócios, uns avarentos, uns estes deshumanos nunca se tinham importado com as desgraças dos empregados. Porém, se ela quisesse — e a voz paria-se-lhe em convicção e bondade — claro, sabia que não a podia fazer sua mulher, infelizmente, era casado, mas nada lhe faltaria e à velhota.

Já não era a primeira, nem a segunda vez que o senhor Ferreira lhe fazia a proposta de casamento. Então, entre todas as necessidades, a pequena limitava-se a encolher os ombros e a olhar-o com certa repugnância, mas agora... a alma em farrapo, a vontade partida, e em casa a mãe com febre a morrer sem tratamento.

Era um sacrifício, um nobre sacrifício e a sua consciência sabia que só aquele caso extremo a levaria a tanto.

E depois... porque não acreditar naquele homem! Mostrava-se tão seu amigo, tão bom, tão compadecido!

Nesse dia chegou um pouco mais tarde a casa. A mãe já afilta esperava-a ansiosa. Que não fora nada — explicou-lhe — uma simples demora no escritório, uma conferência entre todos os sócios para lhe darem menos horas de trabalho e aumento de ordenado.

Iria todos os dias unicamente umas três escassas, horas para passar à máquina o expediente. Bons patrões, afinal, aqueles patrões de quem sempre dissera mal e que mostravam agora quanto eram generosos.

Falava de costas, a apontar os remédios, muito vermelha, a voz ligeiramente trémula.

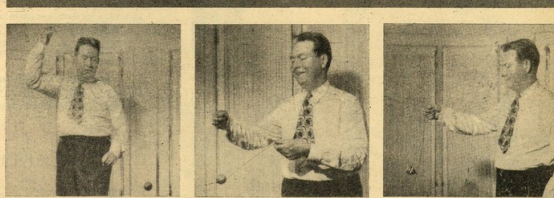
Piedosa mentira, afinal!

A velha exultou. Graças àqueles senhores

(Continua na página 16)



Neste momento, em que tantos problemas graves preocupam os homens, o sr. Carl Bergstrom, cidadão americano, de 47 anos, interessa-se pelo jogo do pião, no qual, como podem ver pelas gravuras, é um verdadeiro sás. Carl Bergstrom domina o pião como um «virtuoso» domina o violino. Na sua mão, o pião faz acrobacia. Brinca com ele como um «you-you», atira-o a alturas fantásticas para logo o agarrar, fá-lo fazer curvas caprichosas... E, assim, o sr. Carl Bergstrom tornou-se tão popular na América, como se tivesse feito qualquer coisa de útil...





# OS 16 MM A CONQUISTA DO MUNDO

A Metro foi a primeira firma americana a anunciar o projecto. Dentro de alguns meses, segundo informações vindas a lume, estará apta a levar a tódá a parte o deslumbramento dos grandes espectáculos cinematográficos, através dos seus filmes rentados em película de 16 milímetros. Os projectores deste formato cabem à vontade, com os programas respectivos e os acessórios, numa pequena mala de viagem. E graças aos aperfeiçoamentos introduzidos, guardados nas devidas proporções, a imagem e o som nada ficam a dever aos resultados obtidos nas salas de exploração normal. As aldeias aleatorizadas na serra, os aglomerados populacionais que se perdem nos vales, as vilórias distantes dos grandes centros poderão, deste modo, por milagre do cinema, manter-se a par do que vai pelo mundo e assistir à exhibição daquelles espectáculos que constituem os grandes acontecimentos de Londres, Nova-York ou Paris.

Gracias às prodigiosas possibilidades e facilidades do filme de formato reduzido — o cinema estende a sua tela, dirige-se a um público até então inacessível ou ignorado e vê aumentada, deste modo, de forma insuspeitada, a sua extraordinária força de expansão e penetração — com tódas as vantagens e perigos que elas comportam.

A RKO, por seu turno, acaba de enviar para a China, sob a chefia de Leo Britton, uma caravana cinematográfica, com programas em 16 milímetros, e espera exhibi-los perante com milhões de nativos. Pearl Buck, num dos seus romances, conta-nos que os chineses rurais se desinteressaram das exhibições cinematográficas feitas, ao ar livre, pelos estudantes das Universidades, depois de terem visto uma música ampliada com vezes.

«Se o cinema nos mostra um insecto que todos conhecemos, sob um aspecto que não se parece nada com o da realidade, é porque o cinema mentes — disseram eles.

Deste afirmação se deduz que antes de revelar o cinema aos povos de cultura rudimentar, há que illustrá-lo e educá-lo, para que éle possa olhar um filme, e compreendê-lo e ver não alguma coisa mais do que a obra de fetiche ou manifestação dos espiritos maus... Pela nossa parte, entendemos que essa seria a grande missão do filme de 16 milímetros, pois reaceamos que as iniciativas propugnadas possam falhar, pelo desconhecimento manifesto entre o alto nível do cinema dos nossos dias e a falta de preparação das plateias a quem, de chofre, vai ser revelado.

O problema é vasto — e oferece mil e um aspectos. Mas pode ser tido grandioso a cruzada do filme de 16 milímetros, que nos parece lamentávelmente comprometida, só por não se atentar que um pastor da Serra da Estréla tem uma mentalidade diferente do «habitante do Chido, e que o aldeão que cultiva os arrozais nas margens do Yang-Tse não é precisamente igual ao mercador chinês, que frequenta os centros mundanos de Xangai ou Hong-Kong.

FERNANDO FRAGOSO

# O CORNEL JAMES STEWART REGRESSOU À AMÉRICA



A bordo do «Queen Elizabeth», transformado em transporte de tropas, chegou há dias à América, ido da Europa, o coronel James Stewart, comandante da 2.ª Esquadrilha de Bombardeiros de Combate da 8.ª Força Aérea dos Estados Unidos.

Galá de cinema dos mais célebres da actualidade, James Stewart allousoes em 1941 e do seu peito brilham hoje seis insignias de condecorações que lhe foram outorgadas, entre as quais a Medalla de Mérito Aéreo, a «Flying Cross» e a Cruz de Guerra com palmas. A «Flying Cross» foi ganha durante o perigosíssimo tratto sobre Brunswick (Alemanha), em 20 de Fevereiro de 1944.

Entusiasmado pelos jornalistas, o coronel James Stewart declarou que ainda não havia sido demobilizado, e se preparava para gozar trinta dias de licença.

Logo que cesse as suas funções militares — acrescentou — regressará ao estúdio. E a terminar, teve este desabafo:

— Oxalá não me caia em sorte nenhum filme de guerra! Tudo quanto agora me apetece interpretar era uma boa comédia!.

## ATENÇÃO PRODUTORES

A AMÉRICA OFERECE-SE PARA COMPRAR FILMES PORTUGUESES E EXIBI-LOS PERANTE O MUNDO E IMPÕE UMA ÚNICA CONDIÇÃO: 'QUE SEJAM DE VALOR EXCEPCIONAL'

SEGUNDO nos informa a Metro-Goldwyn-Mayer, acaba de fundar-se em Nova York uma companhia denominada «Metro-Goldwyn-Mayer International Films Corporation», com vários objectivos comerciais, avultando, porém, se de adquirir filmes produzidos fora dos Estados Unidos para exhibição no Hemisfério Ocidental, Império Britânico e outros países.

O sr. Arthur Loew, grande figura da cinematografia americana, acrescenta, a propósito:

«Temos um grande interesse neste projecto, visto cremos que vai melhorar as relações internacionais, por darmos aos produtores de filmes estrangeiros de qualidade invulgar maiores mercados para os seus filmes e estimularmos assim o comércio estrangeiro.

«É nossa crença de que existem occasionalmente filmes excepcionais, produzidos em vários países, e que merecem maior assistência de publico internacional do que aquela que têm tido no passado.

Como se faz a selecção? Duma maneira muito simples: o gerente das delegações da M-G-M recomenda a films novayorkina os filmes locais

que repula de «qualidade invulgar». E, depois, é o processo comercial que se desenrola, de forma normal.

É evidente que a iniciativa da International Corporation oferece vantagens reais. Mas não nos deixemos deslumbar com as perspectivas oferecidas à cinematografia lusitana, e tomemo-la, sobretudo, como mais um incentivo para melhorar a qualidade do produto. No estado actual da nossa industria, não nos parece ser muito possível uma saída immediata para as produções produzidas nos estúdios portugueses. Mas não resta dúvidas de que se abre uma porta para o grande mercado mundial, que não deveremos nunca perder de vista.

A proposta americana impõe uma condição, sine qua non: que os filmes sejam bons, ou, melhor, excepcionais. Têm a palavra os produtores dos mercados internacionais estranhos aos Estados Unidos. E não poderão dizer que a exigência não seja compreensível e legítima. Pena é que a inversa nem sempre seja verdadeira. É que a América não adopte igual critério com relação aos filmes que destina aos mercados onde irá buscar os taes de «excepcional interesse». É que, às vezes, apresentamos cada um...



A lindíssima estrela inglesa Valerie Hobson, que Hollywood vai aproveitar em grandes filmes. A extraordinário intérprete de «Revolta no Índio» vai dar que falar — pela sua beleza e pelo seu talento.

## O NOSSO CONCURSO

ESTAMOS prestes a publicar os nomes das nossas leitoras escolhidas para a interpretação de papéis na nova produção de «Matinée às 4».

Trata-se, como já dissemos, dum filme musical, com argumento, diálogos e versos de Aníbal Nazare e música de Raúl Ferrão e João Nobre (teatro) e Fernando de Carvalho (música de fundo), que Santos Mendes vai dirigir, com Laura Alves, Raúl de Carvalho, Maria de Bóris, Alfredo Ruas, Eunice Colbert, Alberto Reis e Barrão Lopes nos principais papéis, além dum estranho, que fará o galá.

Dêse leitoras da «Voz Mundial» ilustradas interpretação papéis de certo relevo, além de outras que serão escolhidas para pequenos papéis.

A primeira volta de manivela de «Matinée às 4» será dada nos primeiros dias de Dezembro, nos estúdios da Companhia Portuguesa de Filmes.





No lar de todos os missionários, est. padre Alves Correia evoca, o seu tempo de apóstolo em África.

**É** STE homem, cidadão português, que está na nossa frente e que vê integrado na comunidade portuguesa... Padre Alves Correia, uma figura que de há muito nos interessa. E só não é um novo, no sentido platónico da expressão, porque surgiu em 1931, destacado da actividade católica, embora não cessasse, como continua, «admiravelmente integrado. O que, porém, sobremaneira o fez notado, então, foi o seu livro «A largueza do Reino de Deus — um livro em que, nítida e notavelmente, se denunciava a mentalidade pseudo-católica, aliada pressurosa dos métodos da rancor, orgulho e violência da Action Française e do fascismo.»

Não só na 2.ª e 3.ª edição de «A largueza do Reino de Deus», mas, ainda, em outros livros que vieram depois com os títulos «Vida mais alta e «Cristianismo», o padre Alves Correia manifestou sempre o mesmo espírito de clareza e veemência, continuando, assim, o seu apostolado de «desinfecção contra o sectarismo expresso da Cardeal Patriarca» e «desinfecção contra o sectarismo de «Eclesiástico e nacionalista» e o diário de alguém que muito sabe e possui respeito próprio e consciência.

Esses livros, porém, que tiveram o visto da censura eclesiástica e a aprovação expressa do Cardeal Patriarca, foram, pois, os primeiros actos públicos do homem que, além de padre, se revelou sociólogo e começou a aparecer por publicações consideradas das esquerdas. Entretanto, já em 1920 o missionário colaborava nas letras, nos jornais e, sobretudo, em várias formas de acção religiosa nomeadamente, a partir de 1922, que foi quando passou a dirigir a revista «Missões de Angola e Congo», onde tem lutado por recender entre nós o fervor missionário dentro de fórmulas menos retóricas e menos artificiais. Datam de então — de 1921 a 1924 — as publicações «Civilizadores de Angolas» e «Evangelizadores do Trabalho», dois livros que, só pelo título, nos chamam a sua projecção social e humana.

E com este homem, portanto, que por ser padre não se sente à margem dos cédulos políticos nem se sujeita às teorias da passividade humana, que vamos conversar hoje, rapidamente, depois de evocarmos a sua condição de homem vindo do povo — é filho de lavradores rudes da montanhosa terra de Arelhar de Sousa, extremo sul do concelho de Fátima — os seus estudos e a sua evangelização na Nigéria, para regressar a Portugal, quando, em 1910, o ministro das Colónias Rodrigues Gaspar permitiu e subsidiou a reorganização do ensino missionário em casas de preparação para as missões ultramarinas.

É certo que, perante o homem liberal, o jornalista sente um pouco o embaraço que o padre lhe infunde. A primeira pergunta surge, ali, indecisa, é certo, mas a procurar caminho: precisamente, como se tem formado a mentalidade do sr. padre Joaquim Alves Correia, dentro dos largos horizontes que vai abrindo desde os longos dias...

Eis a resposta: «...já desde os meus tempos de estudante detestei de me conformar com imposições de ambiente mais ou menos reaccionário. O primeiro jornal em que colaborei foi o «Correio

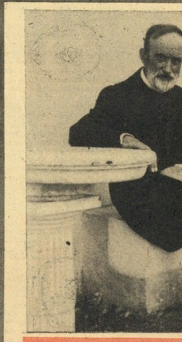
do Norte», do Dr. Abândio da Silva, no tempo em que um grupo de católicos sacudia alianças com a Reacção palaciana e se preparava para o clímax bravo da República.

Ao voltar a Portugal, em 1919, foi com republicanos que melhor me entendi; depois, no «Boletim da Agência Geral das Colónias», directedo então por Armando Cortesão, colaborei com o espírito novo infligido por Norton de Matos e pela renovação republicana à nossa colonização ultramarina. Nos dois voluminhos da «Dilação da fé do Império Português», já publicado pela Agência sob a direcção de Júlio Calvo, ficou bem patente que só neste novo espírito entendo a fecundidade portuguesa das missões religiosas que têm de ser contra a exploração do preto e contra toda a forma de sucedânea da escravatura, devastadora da principal riqueza colonial, a população.

— E não se entende V. Ex.ª com os actual orientadores da política, colonial e nacional?

— Sempre me dá bem com todos, mesmo quando dissidente. No Orfanato-Escola de Santa Isabel, onde contendo o meu enlevo pela educação de crianças colaborei com uma direcção em que há homens da extrema-direita, homens do meio e homens da esquerda (não digo da extrema...) e sempre nos entendemos bem. Não vejo porque não será o mesmo na sociedade política.

— Portanto, o sr. Padre Alves Cor-



Mezmo nas horas de repouso, o trabalho do espirito pela leitura, no sossego de um parque, em ar livre é indispensável ao padre Alves Correia.

O MOMENTO POLÍTICO  
DOIS DE...  
DE C...  
COM UN...  
MISSÃO...  
OUVINDO...  
L. ALVES CORREIA

rela é político?

— Não. Cada qual tem a sua ocupação. As Missões dão-me bastante que fazer. Mas sou português e não posso desinteressar-me dos direitos sociais e políticos dos meus conterrâneos.

— Por isso assinou as reclamações da oposição à eleições livres?

— Assinei e assinaria as reclamações dos monárquicos e dos fascistas que não professam impor o facho à força, a quem o não quisesse, se um dia de votar excludo, praticamente, de votar com dignidade.

— Podemos concluir das suas afirmações que repudia a actual situação?

— Repudio o que últimamente o sr. Presidente do Ministério repudiou: poderes supralicitais e supralégais da Polícia, censura prévia,

do pensamento sincero, quanto a assim; mas as responsabilidades da expressão, exclusão de dissidentes, de pressões por política, da colaboração no bem comum.

— E, então, dos que reclamam novo recenseamento eleitoral prévio, as eleições?

— Vós, sem êle, até eu ficaria sem facilidade de cumprir o dever que me lembrou o sr. Presidente do Conselho: o de votar em quem eu entender com consciência. É verdade que não podemos dizer: «se se não recenseou, recenseasse», mas o próprio Presidente do Conselho reconheceu que só um eleição em que se possa escolher se impõe seriamente a todos os eleitores; e quando me convidaram ao recenseamento, ainda a Lei eleitoral só me facultava candidatos céticos... por nomeação, praticamente.

— É preciso lembrar que a Censura e a polícia vigilante, impetram ataques à Igreja...

— O sr. padre Alves Correia diz com mais energia:

— Pior que todos os ataques em campo aberto é a impotência real do pensamento cristão pela suspensão que passasse sobre ele de se impôr à força, prudentemente acobertado na lei da rólha, satisfazendo-se com a hipocrisia de um respeito público que valeria mais do que a aquiescência consciente e sincera. Demais, a Censura obriga muitas vezes a aparente convicção dos crentes com coisas condenáveis e, muitas vezes me fez a mim próprio «ceto mudo» à força, perante factos públicos, de ordem nacional ou internacional, entre os quais um cristão que escreve é obrigado em consciência a protestar tanto que num dos casos ouvi amigos da Situação queixarem-se escandalizados de o jornal «Novidades» quedar mudo e quibó, até eu lhes mostrar com documentos que não fala quem quer.

— Mas os católicos não recebem violência da oposição tomado eventualmente o poder?

— Eu não tenho procurado de ninguém para dizer o que êle receia. Arbitrariedades, acho que devemos esperá-las de todos os governos. Mas prefiro arbitrariedades contra mim a que eu possa responder a arbitrariedades contra mim ou contra amigos ou adversários meus que tenhamos de comer e calar.

Olho, isso de arbitrariedades, cometido muitas ou poucas vezes, desta Situação. Não se têm poupado a lembrá-las os jornais de combate situcionista. Mas uma coisa em que êle não reparam e que mostra grande diferença, é que citam por-

(Continua na pág. 159)



# HOJE ORA

## DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

### CAPÍTULO XXIX

#### A superioridade dos aliados afirma-se

A ofensiva aérea dos Aliados sobre o território da Alemanha e dos países ocupados do continente e a campanha conduzida pelos submarinos alemães, especialmente no Atlântico, para neutralizarem os efeitos dessa campanha e para desestarem os recursos dos seus adversários foram os aspectos essenciais da luta em que se encontravam empenhados, por um lado os alemães, por outro as democracias anglo-saxónicas. Estas não dispunham efectivamente de grandes exércitos, como a U. R. S. S., nem podiam utilizar, como este último país, um sólido terreno de manobra onde esses exércitos pudessem actuar. Os exércitos estavam a ser formados, em grande parte, sob o signo de improvisação. O terreno teria de ser conquistado, palmo a palmo, ao inimigo.

Enquanto mobilizavam todos os seus recursos em potencial humano, chamando as fileiras milhões de homens e preparando-os para fazerem a guerra nas linhas gerais que o Estado-Maior alemão tinha imposto ao mundo, as linhas gerais que caracterizavam a blitz, a Gr-Bretanha e os Estados Unidos tinham uma missão essencial a desempenhar, a qual podia ser definida assim: fornecer à Rússia todo o material que este país pudesse utilizar para prolongar a sua defensiva e, no momento oportuno, para passar à ofensiva; ganhar a batalha da produção, mobilizando plenamente o seu potencial industrial e os seus recursos económicos; ganhar a batalha dos transportes dominando a actividade dos submarinos alemães nas rotas oceânicas, e de maneira especial no Atlântico e no Ártico; atacar incessantemente, pelo ar, o território do Reich e dos países ocupados, realizando um duplo bloqueio que acabaria fatalmente por conduzir a uma paralisação gradual da indústria de produção alemã.

Esta estratégia que se ajustava aos conceitos tradicionais dos anglo-saxões e especialmente dos ingleses, embora não produzisse resultados imediatos e espectaculares, era de uma eficácia evidente, exigindo, porém, para ser realizada, uma sanedade e uma inteligência que desafiavam todas as contingências do tempo e da adversidade, factores que também contam para a decisão das guerras.

#### A CAMPANHA SUBMARINA PASSOU A SER A ÚLTIMA ESPERANÇA ALEMA

Enquanto o Estado-Maior alemão sofria dos três reveses, que haviam de se revelar fortes em conseqüências dramáticas, modificando completamente o curso da guerra, Alamein e Estalingrado, a luta de desgaste no Atlântico atingiu, no segundo semestre de 1942 e no primeiro de 1943, proporções inesperadas. De tal maneira, que era lícito afirmar que a arma submarina se tornara o instrumento de destruição em que os dirigentes alemães passaram a depositar as suas mais legítimas esperanças.

Não eram apenas as declarações francamente pessimistas dos dirigentes aliados que fundamentavam esta convicção. Era a modificação de comandos que se operara na esquadra alemã, a qual coincidia com uma campanha insistente realizada nos meios políticos e militares do Reich e junto da opinião pública deste país, a qual punha incessantemente em relevo a importância dos êxitos conseguidos com a acção dos submarinos alemães e servia para levar os alemães a consentirem novos sacrifícios afim de dar satisfação às exigências crescentes que essa acção implicava.

Por outro lado, e os efeitos psicológicos e subúrditos foram, sempre como se sabe de capital importância durante a vigência do regime nazi, tratava-se de evitar, por todos os meios, que o povo alemão se deixasse impressionar, mais do que convinha aos seus dirigentes, pelo espectáculo do poderio crescente dos Estados Unidos o qual começava a manifestar-se, com uma exuberância reveladora, em todos os cantos do mundo onde o seu concurso era solicitado.

O dr. Goebbels, encarregado de se desempenhar dessa missão, não deixara certamente de fazer sentir ao Führer e aos dirigentes militares que só um choque psicológico profundo seria susceptível de modificar num sentido mais favorável a batxa de moral que estava a verificar-se entre a população do Reich, onde as recordações da intervenção americana na primeira guerra mundial continuavam a ser muito vivas.



ALMIRANTE RAEDER, que reorganizou a esquadra alemã, em cujo comando foi substituído no começo de 1943

#### A SUBSTITUIÇÃO DO GRANDE ALMIRANTE RAEDER PELO SEU CAMARADA KENE DOENITZ

No dia 30 de janeiro de 1943 tornou-se oficialmente conhecido que o grande almirante Raeder fora substituído, no comando supremo da esquadra alemã, pelo seu camarada Doenitz. Com esta substituição coincidia uma alteração profunda na lista dos comandos da Armada do Reich. A respeito destas modificações corriam, há muito, notícias de cujo fundamento não era permitido duvidar, dado o recrudescimento inesperado que assumira a campanha submarina no Atlântico e no Ártico. Mas a confirmação oficial dessas notícias constituía, de facto, uma indicação clara das dificuldades com que o Reich estava a lutar já para a execução dos seus planos de conquista.

O afastamento do grande almirante Raeder, chefe supremo da esquadra alemã que, mais do que ninguém, é contribuiu para ressuscitar depois do desastre de Scapa Flow, significava que os navios de superfície do Reich passariam, de futuro, a desempenhar missões epíscólicas e relacionadas com a condução da campanha submarina a qual ocupava o primeiro lugar na lista das preocupações dos dirigentes alemães. Erich Raeder era um técnico, de incontestável competência, profissional que se afirmara como uma personalidade de primeiro plano durante o período que medeara entre as duas guerras.

Mas seria exagerado afirmar que, embora profundamente dominado pelos conceitos do mais exaltado patriotismo e nacionalismo, esse se tornara, como muitos outros chefes militares, um instrumento passivo do poder político durante a vigência do regime nazi. Raeder nunca abdicara das suas opiniões pessoais, embora se sujeitasse, em última análise, a cumprir ordens. Era conhecida a sua discordância em relação a certas operações ariscadas, como a do desembarque em Narvaga, que não pudera evitar e que acabaram por ser coroadas de pleno êxito. Tal como acontecera a respeito de outros em seguida à ocupação da Renânia que ambos haviam desaconselhado e que se fixaram triunfalmente por ordem e sob a responsabilidade pessoal do Führer, a oposição de Raeder ao desembarque na Noruega continuava a minar o seu prestígio e para diminuir a sua influência.

#### UMA CLARA MODIFICAÇÃO NA LISTA DOS ALTOS COMANDOS DA ARMADA ALEMA

Para o substituir fora escolhido o almirante Karl Doenitz, o homem da guerra submarina só outrance, herdeiro do pensamento catastrófico do grande Tirpitz e seu continuador. As antecipações de Doenitz, como as do seu mestre Tirpitz, revelaram-se, à luz dos acontecimentos, infundamentadas. Mas a tenacidade que ele pôs sempre em fazer aliar a Inglaterra, perante o espectro da fome produzida pela actividade dos submarinos alemães, colocou-o na primeira fila dos adversários irreductíveis deste país.

Doenitz era um temperamento completamente diferente do de Raeder, um jogador no estilo de Falkenhayn e de Rommel, capaz de arriscar tudo numa cartada audaciosa, ao contrário do seu antecessor que fora sempre um chefe cauteloso e calculador que media, com antecipação, os dados dos problemas militares cuja solução lhe estava confiada.

Além do afastamento do grande almirante Raeder, foram afastados, na mesma altura, outros chefes categorizados da Armada alemã que haviam sido seus directos colaboradores na execução da tarefa de resurgimento no poder naval do Reich. Em sua substituição foram escolhidos elementos quasi desconhecidos que tinham visto os seus nomes inesperadamente consagrados por acções espectaculares, mas de resultados duvidosos, como o almirante Kummetz, Ciliax, Fricke e Wurmach. Entre os almirantes que continavam-se o almirante Karis, que era considerado, depois de Raeder, a primeira figura da oficialidade da marinha de guerra alemã, e Schuster que era muito conhecido nos meios navais estrangeiros e especialmente na Gr-Bretanha.

#### LIVRARIA ECLETTICA

LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 - LISBOA



ALMIRANTE DOENITZ, o homem da guerra submarina, que substituiu Raeder no comando da esquadra alemã, assistindo a uma parade em Berlim.

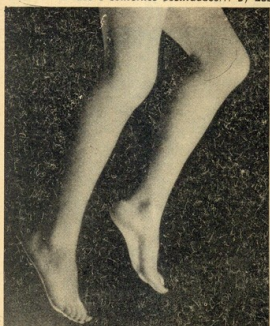




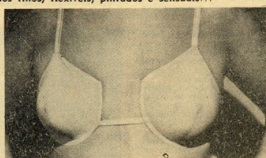
## A MULHER FRANCESA VOLTA A DAR UM AR DA SUA GRAÇA



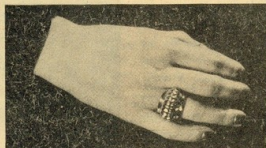
1) Características da mulher francesa: olhos profundos e expressivos! 2) Sobrancelhas de curvas nítidas e contornos acentuados... 3) Lábios finos, flexíveis, pintados e sensuais...



Pernas — únicas no mundo! Mais roliças que as das americanas, mas esculturalmente modeladas!



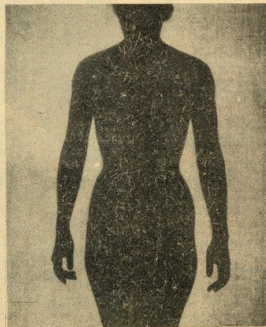
Busto elegante...



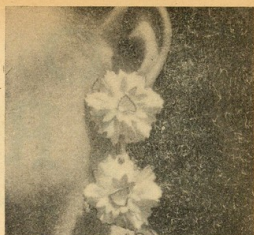
Grandes anéis de fantasia — uma fantasia das francesas...



Os cabeleiros fornecem madeixas de cabelo...



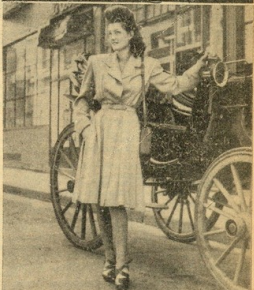
Estos são as linhas gerais da mulher francesa!



Os brincos são grandes e exóticos, muitas vezes imitando flores.



A mulher volta a perder horas infinitas nos institutos de beleza.



Esta é a actual moda em França! Gostam, minhas senhoras?



Uma "malinha" de mão muito completa e minúscula — como estão vendo!



E sapatos com sola de madeira, para fazer "barulho" na calçada.



# 11

POR N. A. KARPOV

1 Russo foi o primeiro a descobrir o clarão da fogueira que se destacava no escuro da noite. Surpreendido, agarrou-se ao braço do companheiro e obrigou-o a esconder-se também nos mata-gaço que ladeavam o barranco.

— Serão cosacos que andam à procura de ouro? — murmurou o preocupado.

O companheiro não respondeu e ficaram ambos sentados, a tremer de frio entre as ervas úmidas.

— Estamos mal se são cosacos... e, se andam à procura de ouro, talvez pior ainda — continuou o Russo, MZ genie... esperta e violenta... Não é verdade, Kubar?

Kubar não respondeu. Indiferente a tudo quanto não fosse comida. Há muitas semanas que seguiu o Russo como um autómato e estava desfeito, arrazado, mole morto de fome e de frio. Só se animava quando o companheiro conseguia roubar qualquer coisa nos miserios povoados sibíricos que, de longe em longe, encontravam no caminho. Mas, nos últimos quatro dias, nem isso. Tinham tido e tinham-se alimentado apenas com ervas e raízes.

O Russo era um velho vagabundo mais batido do que o Kubar, que era ainda novo. Por isso, embora sofresse tanto, não se queixava e procurava animá-lo com a sua tagarela zozoca.

Contudo, nessa noite, até o Russo estava quasi a desmoralizar.

— Devem estar a comer... a conversar alegremente ao pé do fogo... — suspirou o velho, sentindo mais aguda do que nunca a medureira da fome.

E quando notou que Kubar se calara, continuou monologando: — Os buscadores do ouro são como feras, não respeitam ninguém. Já conheci alguns... Todos são rudes, capazes de te matarem primeiro e de preguntarem depois quem és... Não há gente pior em toda a estepe! Devem estar a comer, a beber chá quente, a conversar... — repetiu.

E, como se pelo facto de estarem a comer e a beber fossem menos pegosos, acrescentou: — Talvez sejam pacíficos caçadores... Que te parece Kubar?

Mas Kubar sóltou apenas um leve grunhido.

E mesmo que fossem buscadores de ouro — continuou o Russo — que se importam eles com dois vagabundos mortos de fome? O mais que podem fazer é correr-nos com quatro insetos...

— Sabes o que te digo, Kubar? — O quê?

— Quero ver quem são. Talvez nos deem qualquer coisa de comer.

— Não disseste que nos matariam? — Assim não podemos continuar. Vale mais arriscarmo-nos. Ou preferes morrer de fome?

— Não.

— Nesse caso... Depois, se nos mandam para o outro mundo, não ficamos a perder muito.

Kubar inclinou a cabeça mas não respondeu.

— Talvez estejam a dormir... Percebes? — continuou o Russo. Com cuidado, talvez pudessemos apanhar uma espingarda, e, nesse caso tudo estaria arranjado... Que dizes tu a isto?

O Russo levantou-se, apalpu a grande face de madeira que trazia no cinto e começou a descer o rápido declive.

Kubar teria preferido não se arriscar, mas tinha medo de ficar só, e, por isso, seguiu o companheiro.

Uma luz na noite engana muito e a fogueira estava mais longe do que o Russo supunha. Levaram mais de uma hora para se aproximarem a ponto de distinguirem quem estava ao pé da fogueira.

— Está só! — murmurou o Russo, escondendo-se entre as ervas. Esperemos a ver o que faz.

Os vagabundos detetaram-se no chão e estiveram muito tempo observando o desconhecido que não parecia estar disposto a deitar-se.

— Espera! Não intermitiva a espera e tanto que o Russo, sem se poder conter, exclamou:

— Não posso mais, amigo! Vou-me a ele nem que se trate do diabo em Pessoa.

— Deixa esse pé, tocou para se fazer notar e avançou resolutamente, seguido de perto por Kubar.

— Alto! Alto! Alto! — gritou o desconhecido.

Era um homem de barba preta, alto e forte, de grande chapéu de feltro e com um grande casaco de pele de rena.

Empunhava uma espingarda por forma mais do que elegante.

— Quem vem lá? Alto! — repetiu, ameaçador.

— Amigos! — respondeu o Russo. Somos gente de bem... Só te peço que nos deixes aquecer... Andamos mortos de frio.

O barbudo examinou os vagabundos e franziu as sobrancelhas.

— Falta lugar na estepe? — perguntou ao observar as caras transtornadas dos vagabundos. — Está bem... Aproximem-se. Mas assim que tiverem descansado, sigam o seu caminho.

E também voltou a não costumejar muita conversa a desconhecidos.

O homem deu uma pancadinha algrativa na culatra da espingarda e sentou-se sobre um grande saco de provisões.

— Os vagabundos acomodaram-se ao pé da fogueira onde fervia uma grande chaleira.

O Russo notou imediatamente que o saco do barbudo estava muito cheio e contorcia-se-lhe o rosto num estranho esgar.

— Agora já estou melhor! — disse o Russo. Obrigado. És muito bom... Mas se quisessem ser ainda melhor, podias dar-me um bocadinho de pão. Há dois dias que não como.

O desconhecido olhou-o com ar sombrio e, sem responder, atirou-lhe umas bolachas e um bocadinho de peixe salgado.

O Russo pôs-se a comer ávidamente, sem se preocupar com o amigo.

Kubar estendeu a mão tímida-mente, apanhou umas poucas de bolachas que tinham caído no chão e pôs-se também a comer.

Pouco depois, vendo que os vagabundos se dispunham a deitar-se, o barbudo deteve-os nos seus propósitos.

— Basta! — disse. Toca a andar!

— Só mais horazinha... suplico o Russo, sem se mexer.

Mas na voz do vagabundo havia qualquer coisa de despetto para o

outro, que se levantou de um salto e apontou a espingarda. Tropeçou, porém, no pé do Russo e cambaleou. No mesmo instante, Kubar, que se tinha levantado, caiu-lhe em cima e bateu-lhe com uma pedra na cabeça.

O homem caiu sem um grito, deixando cair a espingarda, em que Kubar se apressou a pegar.

— Estamos salvos! — exclamou o Russo, e precipitou-se para o sacco cujo conteúdo se pôs a inspeccionar.

— Olha, olha — gritou ao companheiro. Um casaco quasi novo... Duas camisas... Uma está róta, mas não faz mal... Toma! É para ti.

Kubar olhava-o desconfiado, mas sem se atrever a protestar pois sabia que o Russo era o mais forte.

Este continuava inventariando o conteúdo do sacco, foi passando alguns objectos para dentro das algibeiras: um pacote de chá, tabaco, açúcar.

Depois disso, a mão do Russo bateu numa coisa pesada, um saquinho de lã, cheio de pedras, ao que parecia, e que pesaria três onças, pelo menos, apesar do seu pequeno tamanho.

O Russo compreendeu imediatamente do que se tratava e o seu primeiro impulso foi ocultar o achado.

Reparou, porém, que Kubar também tinha notado o saquinho passivo-lhe pelos olhos um lampejo sinistro.

— Estamos com sorte! — exclamou, aproximando-se da fogueira e introduzindo os dedos trémulos no interior do sacco. Temos de procurar uma aldrá grande onde nos troquem este ouro por dinheiro... Está aqui uma fortuna!

— Deixa ver... — disse Kubar, aproximando-se e estendendo a mão.

— Não acredites! Para que queres tu ver se eu estou a dizer-te? Contenta-te com saber que chegará para os dois! E agora vamos ver como está esse chá — acrescentou o Russo, estando o saquinho à cintura. Vai procurar lenha, que água já não temos.

Kubar olhou-o furioso, mas nada disse, e foi à procura de lenha, deixando a espingarda no chão. O Russo pegou-lhe, examinou-a atentamente e criticou-o por que estava carregada. Pensou na conveniência de se desfazer do companheiro ali mesmo, mas, por outro lado, não lhe sorria a perspectiva de andar só pela estepe.

— Esperar! momento mais oportuno! — disse para consigo.

Voltou Kubar com um braçado de ramos secos, que lançou na fogueira. E os vagabundos, em silêncio, sentaram-se e olharam-se mutuamente, recoscos.

O Russo estava já arrependido de não ter dado um tiro ao companheiro, enquanto está, adivinhando-lhe as intenções se sentou por forma a poder empunhar rapidamente a faca que trazia.

Kubar estava furioso. Teria gostado de mexer também no precioso sacco, que lhe daria a possibilidade de viver com desafogo durante muito tempo.

Entretanto, o Russo enchia um copo e oferecia-o a Kubar para lhe conquistar a confiança.

— Bebe tu primeiro — disse. Tens mais frio do que eu... Kubar aproximou-se, e mal pegou no copo, num movimento brusco, lançou a água a ferver aos olhos do Russo, que não esperava semelhante agressão.

O Russo rugiu de dor, cobrindo a cara com as mãos. Kubar caiu-lhe em cima, derrubando-o e agarrou-se pela garganta. O outro, porém, foi mais rápido e, desembainhando a faca, meteu-lha nas costas, do lado esquerdo.

Kubar soltou um gemido de coelho, caiu de bruços e ficou imóvel com os braços abertos.

O Russo também não se levantou. Doido-lhe horrivelmente em cara e tinha os olhos vendados por uma cortina de sangue. Ficou um grande bocadinho a estrebuchar e a gemer.

Só de manhã conseguiu levantar-se. Pareceu-lhe que o rodeava uma

(Continua na página 16)



**APRESENTA RADIO**  
POR CORRESPONDENCIA ECA FILMETOS GRATIS

**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**  
A. DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 - PORTO



199



Nº CAMPOS

**RAINHA DA HUNGRIA**



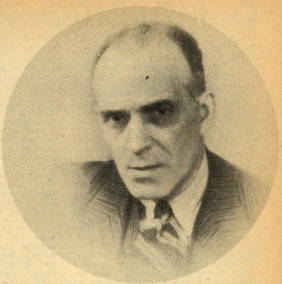
Medicinal pequena — tubo 11\$00  
 Medicinal grande — tubo 17\$50  
 Vulgar pequena — tubo 1\$00  
 Vulgar grande — tubo 7\$30



Vende-se nas Farmácias e Drogeries  
 Depósitos: **Cada caixa 3\$00**  
 Lisboa — Largo Contador Mór, 4-A  
 Porto — Largo de S. Domingos, 108

**UMA ENTREVISTA  
 COM O PROFESSOR  
 ANTÓNIO RUAS**

**OSCAR WILDE —  
 TRADUÇÕES —  
 E ENIGMAS DA  
 LÍNGUA INGLESA**



**P**OUCAS pessoas conhecerão, tão profundamente, o idioma inglês como o dr. António Ruas, tradutor das melhores obras da literatura britânica. Professor dos mais distintos do ensino técnico, homem inteligente duma rara erudição filosófica, autor de livros que colheram da crítica vivos aplausos, António Ruas, quasi um misantropo nesse viver isolado da sua casa do Minho, tem honrado, últimamente a nossa revista, com artigos, onde a clareza e o estilo — que bem definem a sua personalidade de homem de letras — sobressaem dos mais variados temas — sempre tratados com esclarecida visão e com pujante poder interpretativo. No Brasil, onde viveu alguns anos, deixou traduzidas as melhores obras inglesas.

— Traduzir — costuma dizer-nos — é para mim um delírio de espírito. Não o faço com o intuito comercial, de trabalho à pressa, que fatiga. Não: a tradução apaixona-me, vive dentro de mim tudo quanto o autor pôde deixar transparecer até nos seus forçosos enigmas.

— Traduzir — costuma dizer-nos — é para mim um delírio de espírito. Não o faço com o intuito comercial, de trabalho à pressa, que fatiga. Não: a tradução apaixona-me, vive dentro de mim tudo quanto o autor pôde deixar transparecer até nos seus forçosos enigmas.

— Nesse caso, gosta lmeno das traduções?  
 — Já lhe disse: Apaixono-me. Todas as obras profundamente filosóficas, temas de ensaio, doutrina, idéias e política, enfim, autores que nem toda a gente sabe interpretar, eu tenho traduzido. É, e acredite, desses que gosto.

Veja por exempo, os ensaios de Mangock.  
 O Dr. António Ruas, à mesa do café, aqui na Brasileira, olha-nos desconfiado. E que éle está notando na insistência das nossas perguntas, uma entrevista formal. Por isso, partindo o seu inseparrável «Chesterfield» — éle fuma sempre a prestações — mete um pedaço na boquiilha e diz-nos, com cara de poucos amigos:

— Ná — já não digo nada. Eu não dou entrevistas. Sou um homem de aldeia — vivo distante destas duas polegadas altertadas do Chiado. Se quer — vamos mudar de rumo. Falar-lhe-ei das vindimas, da matança do porco — sempre típo típicas — nessas verdadeiras romarias onde o cário, o vinho e a castanha espalham revoadas de alegria!  
 E a rir:

— Quando tenho saúdaes de Lisbon, faço uma maleta, dou três abraços — e záz — abalo para a capital. Aqui, — vistando a «Brasileira», bebendo três cafés, espreitando a «Bertrando» — e um paleto lá em cima na Havanaze estou a par das grandes novidades, que esta Lisboa, sempre insípida nos oferece.

— E depois?

— Depois — e acendendo novamente o cigarro, perdído a amostra de cigarro — começa a monotonia. Tenho logo vontade de regressar ao meu isolamento — e quasi sempre me arrependo de ter vindo — tão morosa é a viagem de retorno.

E pronto. Não houve forma de concertar a conversa. Falávamos de traduções, de literatura e fomas parar, teimosamente, ao folclore do Minho, com as garridas moçilas de chinélinhas, os descantos, os jardins floridos nas encostas e nos vales — toda uma paisagem de sonho, de Côte Azur com trajes de lavradeiras e penderuzas nas orlhas...

Por mais que fizéssemos, nada. Desistimos. Abraçámos o Prof. António Ruas, que partia, daí a pouco, para Ponte do Lima e, já à saída do café, aborrecidos, alguém nos disse:

— Sabes que aquéle cavalheiro com quem conversavas traduziu uma peça para o Nacional?

Entupimos.  
 — É verdade. Chama-se até, na tradução, «Batas Brancas». No original, tinha o título «Men in White», é uma peça americana, moderna, de grande humanidade e emoção. O cinema já a apresentou com éxito.

Amos voltar para trás, para preguntarmos a António Ruas a veracidade daquella afirmação.

Mas éle já tinha saído. A essa hora devia estar a embarcar, no Rossio, nesse roncoiô combóio que leva só 15 horas para galgar uns ligeiros quilómetros — nesta época em que se almoça em Paris, janta-se em Londres e dorme-se em Berlim, tudo no mesmo santo dia.

Esperemos, pois, que as «Batas Brancas» apareçam no cartaz do Nacional, como primorosa tradução de António Ruas.

**CARRINHOS PARA BEBÉS  
 E CADEIRINHAS**

*Fabrilina*

A pronto e com facilidades de pagamento

**J. COSTA & SILVA, L.<sup>DA</sup>**  
 R. Arco do Bandeira, 79, 1.<sup>o</sup>  
 LISBOA — Telef. 2 6713  
 (Atendem-se pedidos da provincia)



# O MOMENTO

(Continua na página 5)

testes e ataques da imprensa ao Governo de então, e esses ataques, da imprensa e do Parlamento, posição ferozes e muitas vezes sarcásticas, efeitos.

Quanta coisa que eu acho singular é que se responsabilizem pelo passado anterior à Ditadura, ou novos que não tiveram ainda participação alguma em coisas públicas, ou até republicanos que atacaram os «honzo» do poder de então e ainda «honzo» de etiqueta que têm mostrado, em estudos ulteriores, como evoluíram e se adaptaram às realidades vivas sociais.

Quere novos com um programa definido?

—Quando fôr a hora de se apresentarem candidaturas, é evidente que eu, como qualquer eleitor, quereiros ver programas. Antes de os apresentarem, ou que veio a que, em dem condições de concorrência leal nas suas candidaturas com as oficiais, é simples e sensatez. Mas é claro que os que desafiam agora a Oposição a mostrar programas sabem muito bem que não há. Muitos dos que se têm manifestado na luta pela rudimentar liberdade de votar e sufrágio e de igualdade perante as urnas têm escrito livros e feito cursos públicos. Se os seus adversários não têm, a culpa é dos adversários. Eu digo se... porque, de facto, quando vejo chamados comunistas a António Sérgio, tenho o direito de perguntar se sabem alguma coisa sobre o pensamento e do cooperativismo de que é tão ardente campeão.

—Não será para simplificar que alguns dividem os homens em comunistas e factistas?

—Será simplificação, mas à custa da simplicidade evangélica ou cristã, que é a rectidão do juízo e da vontade. E é precisamente por isso que eu adoro a liberdade de crítica e a discussão sem seccionalismo nem rancores, por maior que seja a vivacidade. Enquanto não aprendemos a respeitar a sinceridade uns dos outros, enquanto não desistirmos de impôr pela coacção, violência ou sorna, a nossa infalibilidade — que é simplesmente a nossa estreiteza — não haverá ordem verdadeira nem será possível cidadania decente.

Agora, vem a nossa interferência: — E, então, trata-se tudo o que parece escrivatura.

—Escrivatura e trabalho forçado, nem para os prestos a admito. Por isso é que tanto me seduzem homens públicos e batallhões da penitência Norton de Matos, Augusto Casimiro e os coloniais e escrivães do quêter gerado. E ainda ultimamente os nichis de entranhamento e de reparação em artigos das revistas missio-

nas «Portugal em África e Acção Missionária», com as atitudes e as palavras do jovem ministro Marcelo Caetano. Nunca me tentarei de condenar ninguém só por ele não ser da Oposição. Apesar das más companhias e da transigência de muitos deles com ajudas tão essencialmente corruptoras como a Censura prévia e a vigilância policial arbitraria, há muitos homens da situação, inteligentes e honrados que admitem aquêles acompanhamentos do Poder como um mal menor, governando como governam um povo inferior, como falsamente julgam o nosso, cidadãos, como nós parece que somos de 3.ª classe...

—O sr. padre Alves Correia há de ter um sentido para as Esquecidas... —Surtos para as Esquecidas costumam vir depois de gulindas fortes dadas para a direita. E a ordem natural das coisas. Não digo que aqui isso vá tão longe como em França, onde os comunistas venceram e vieram logo após os católicos do Partido Popular, ainda mais vincadamente progressistas que os próprios socialistas. Sabe que na Semana Social de Toulouse os Cat. os declararam inválida a deslealdade bernardina política, enquanto se mantivesse em ditadura a Propriedade.

Por isso reclamam para a democratização, ou constitucionalização, da Empresa, onde deveriam ter parte na direcção e na administração, ao lado dos que concorrem com o instrumento de trabalho que é o capital, os que concorrem com outro instrumento, o braço ou a inteligência técnica.

Os trabalhadores católicos portugueses, que sabem muito convívio, também não acreditam nos benefícios de um Sindicalismo que não seja livre, nem no Estatuto de Trabalho que favoreça os maus patrões.

«O Trabalhador», jornal dos operários católicos, tem sido banido, como subversivo, de alguns quartéis. Os trabalhadores cristãos são conservadores da doutrina e da moral — do Evangelho cujo dogma fundamental é a paternidade de Deus e a fraternidade dos homens — no resto não os podemos aconselhar a indisciplinada conservação. Talvez não! Nem os municípios, nem os cidadãos, nem os sindicatos!

\*\*\*

Perguntamos ao sr. Padre Alves Correia se podíamos reproduzir as palavras deste «cavaco ampero».

E aqui ficou, portanto, aquilo que consideramos não essencial da nossa longa conversa.

## Quem não a conhece?

(Continuação da página 3)

(«Quêres levas senhores?» como a vida, a mudar!

A um canto, a filha limpava a tremor duas lágrimas teimosas e exclamava para si, para se convencer, para se perdoar: tinha de ser... tinha de ser!

Dois meses cumpriu o senhor Ferreira integralmente a palavra. Mil escudos mensais, os quatro contos perdoados e as dividas pagas. Mas, no terceiro mês, o senhor Ferreira acaela feia. Tinha as suas despezas e aquela amante ficava-lhe caríssima. Depois contratara outra semelhante, que, francamente, era bonita. Tinha uma cabeceira de cabelos negros que lhe gostava de ver de manhã, noite debruçada sobre a máquina. Não! Nada de pleuguês! Decididamente ia acabar com aquilo, eia que se governasse como entendesse. Não estava para sustentar enfermos toda a vida.

Um bilhete, duas lacónicas palavras, uma nota de conto e um ponto final na generosidade do senhor Ferreira.

\*\*\*

Uma noite, ao regressar do teatro, encontrou-a com um vestido espavento e algumas jóias caras.

Soubes, depois, que frequentava «clubes» nocturnos. A mãe tinha falado há meses.

Mais tarde disseram-me que tinha morrido miserável, atirada para uma simples enxérga de hospital.

\*\*\*

Quem não a conhece? Cruza-se comôco logo de manhãzinha, à boca pintada de rubro, os olhos poitados no relógio de pulso.

Quem não a conhece? Mas... quantos pensarão no destino das trezentos e cinquenta escudos de ordenado!...

Precisão!

Breitling

APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA

# O OIRO

(Continua na página 5)

bruma violenta através o qual apenas via as braças da fogueira e duas formas confusas estendidas ao seu pé. Quasi às apalpadelas, encontrou a chaleira, que se tinha voltado, e, com o poleço chá frio que ainda restava, lavou os olhos. Mas a névoa que o envolvia, em vez de se dissipar, condensou-se mais ainda.

Pôse de joelhos, e, sempre às apalpadelas, encontrou a espingarda e o sacco das provisões. Carregou com êle e, a cambalear afastou-se daquele lugar sinistro. Caminhou muito tempo impellido pelo único de selo de se mexer, sem qualquer rumo, tropeçando a cada passo, envolto por uma bruma vermelha que se ia tornando mais densa.

Por fim, caiu e não tentou levantar-se, convencido de que nunca chegaria a sítio habitado. Rodovava a estepe solitária, selvagem, interminável, êrmo imenso e hostil.

«O arto de um passaro fôz-lhe pensar na vida... Ainda tinha provisões...»

\*\*\*

Um corvo decevrou de alto amplos ciferros, decaeu vultro sobre estepe esverdeada, e, com tético grunhar, peizou no ramo de um arbusto próximo.

O VELHO PORTO

Neposol

Quem o provar, aprova.

O LIVRO DO MOMENTO

## A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra

Por RAFAEL MARCAL

A venda em todas as livrarias

Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

AS SUAS VIDAS, A SUA CASA, O SEU AUTOMÓVEL ESTÃO SEGUROS NA

COMPANHIA DE SEGUROS VIDA MUNDIAL



## JANELA ABERTA

# CRISÂNTEMOS

Há quem adore os crisântemos, quem tenha por eles uma ternura que eu não entendo. É evidente que não pode negar-se-lhes o título, honrosamente ganho, de flores ornamentais vistosas... É isso mesmo, «vistosas»... O crisântemo é uma flor para ver ao longe — para ter longe de nós.

Para a minha intimidade e para a minha estima, prefiro, sem dúvida, uma flor com aroma.

O perfume é a personalidade da flor. É uma flor sem perfume, como a dália e o crisântemo, não tem, para mim, personalidade. Dão-me, até a impressão de flores artificiais, muito perfeitas, sim, obra saída das mãos valiosas de meninos prendada — mas artificiais.

Pois, amigos, Lisboa encheu-se de crisântemos. Há-os de todos os tamanhos e modelos e cores — como sapatos de senhora em sapataria de luxo. E há quem goste deles, pelo visto.

Há quem compre braçados deles, sobretudo para pôr aos mortos... É isso. Para pôr aos mortos — e assim está certo. Porque esses não podem dar pela falta de aroma e darão apenas pela presença da intenção piedosa...

Flores tristes, flores de cemitério — os crisântemos.

Será por isso que não gosto deles?...



O sr. dr. Castro Fernandes, Sub-Secretário de Estado das Corporações, falando na sessão da propoganda eleitoral realizada no Liceu de Camões.



Um aspecto da sessão solene do aniversário do Lisboa Gíndio Clube.

O sr. Marcus Cheke, que exerceu as funções de Adido da Imprensa e depois de primeiro Secretário da Embaixada Britânica em Lisboa, partiu, há dias, a bordo do «Egyptian Prince». Na foto vê-se o illustre diplomata, encaminhando-se para bordo, acompanhado pelo sr. Diniz Bordalo Pinheiro e senhores D. Simone Bordalo Pinheiro e Viscondessa de Soveral.

## LIVROS NOVOS



Edgar Marques



Dr. Saraiva Lima

### Interpretação Espiritual DE EÇA DE QUEIROZ

Edgard Marques, escritor de público fiel e reais méritos, acaba de publicar «Interpretação Espiritual de Eça de Queiroz», um valioso estudo biográfico sobre o grande romancista.

Mais uma vez Edgard Marques se revela senhor dum estilo muito pessoal a par dum desapalxonado apreciador dos homens e das coisas.

A sua contribuição, com esta obra, para os estudos Queirozianos, é, sem favor, valiosa.

### INICIAÇÃO TAUROMÁQUICA

O Dr. Saraiva Lima, devotado amigo da Festa Brava e crítico tauromáquico muito discutido e apreciado, publicou, agora, «Iniciação Tauromáquica», um livro que fica bem na estante de todos os aficionados e até dos que, não o sendo, pretendam adquirir conhecimentos sobre o assunto.

Nessa obra se explicam muitas coisas que nem toda a gente que vai às touradas sabe avaliar e chama pelo nome próprio, motivo porque lhe fica bem o título: — «Iniciação Tauromáquica».



Os jornalistas e artistas do Rádio e do Teatro que assistiram à inauguração, dedicada ao Corpo Diplomático e à Imprensa, do novo «dancings» «Meia-Noite».





1) O general Norton de Matos no jardim de sua residência. 2) No lado de dentro de sua residência. 3) Baixo: celebrando o aniversário para Visconde Marillac.

**N**UMA bela tarde, a Viscondeza Norton — viveu em Matos — em sua residência, em Vila Rica, no Rio de Janeiro, onde se encontra a residência de Matos, a filha recebeu a visita de um grande jornalista que se encontra em Curitiba, no Paraná, a partir de sua casa em Curitiba. O jornalista é o Sr. Carlos de Mattos, filho de um dos irmãos de Norton de Matos. O Sr. Carlos de Mattos é um jornalista muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos. O Sr. Carlos de Mattos é um jornalista muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos.

Quando o jornalista chegou a Curitiba, encontrou a filha de Norton de Matos, a Viscondeza Norton, que estava em Curitiba, no Paraná, a partir de sua casa em Curitiba. O jornalista é o Sr. Carlos de Mattos, filho de um dos irmãos de Norton de Matos. O Sr. Carlos de Mattos é um jornalista muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos.

durto não aconteceu entre estes pais, tal e qual.

Mencionamos que Norton de Matos morreu em Curitiba, no Paraná, a partir de sua casa em Curitiba. O jornalista é o Sr. Carlos de Mattos, filho de um dos irmãos de Norton de Matos. O Sr. Carlos de Mattos é um jornalista muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos.

# UMA ENTREVISTA COM O SENHOR GENERAL Norton de Matos

FOR PLACIDO BARBOSA

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.



3) Com um cão, que é chamado de Dinho miliciano. 4) No jardim. O antigo ministro de Guerra tem, além disso, um cão, que se chama Dinho miliciano.

5) Em seu tempo, o General Norton de Matos era muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos.

6) Em seu tempo, o General Norton de Matos era muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos.

7) Em seu tempo, o General Norton de Matos era muito conhecido e tem sido muito ativo em Curitiba, onde se encontra a residência de Norton de Matos.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.

Uma entrevista a grandeza de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país. A história de uma nação e um homem que tem marcado a história de um país.







damentalmente os mesmos em toda a humanidade, variando apenas pela forma como se manifestam e pelo grau da sua intensidade. Se, portanto, os outros, a humanidade passaria a ser diferente. Se houvesse princípios fundamentalmente diversos, haveria diversas humanidades. Os Princípios são a expressão da espécie humana. A luta para a conservação da espécie reduz-se à defesa dos Princípios meros dos quais ela existe.

Tem de haver sempre indivíduos com direito à vida plena (isto plena quanto lhe permitir a civilização da época) e com igualdade perante a lei, que eles próprios elaboraram e puseram em vigor, com personalidade, com inteira liberdade de parecerem com a ideia constante de poderem manifestar livremente a sua opinião, por si ou em comum, com o desejo ardente de se verem livres da fome, da miséria, de todos os males e com a suprema aspiração de não serem esmagados.

É isto o que observamos em todos os homens, desde os mais civilizados da Europa ou da América até aos que habitam o interior de Angola.

Não vejo que o mundo esteja a reverter seja o que for. Apenas estamos a assistir a lutas pela conservação da espécie humana, a lutas pela vida da humanidade no seio de sociedades humanas de indivíduos e de famílias, regendo-se por princípios tão orgânicos, como a circulação e a digestão são no homem ou noutras espécies animais.

Mas os Princípios que regulam as sociedades humanas não limitam a vida que cada nação, cada família, cada indivíduo ou grupo possa adoptar fórmulas verbais diferentes para os exprimir.

Como explica V. Ex.º o totalitarismo dada a sua concepção de Princípios Inmutáveis, na sua essência?

— Como uma doença que matará fatalmente as nações que atacar, se essas nações o não fizerem desaparecer rapidamente. O caso da Alemanha é o caso de um doente em delírio, tendo à roda dela nações a tentarem derrubá-la para lhe vestirem uma camisa de força, para se defenderem e evitarem o caso da Rússia.

— É o caso da Rússia?  
— Um caso anormal também, como é de todas as Revoluções. Todos nós sabemos o que conduziu ao estado revolucionário na Rússia. Houve delírio interno como sintoma grave. Depois, pouco a pouco, muitas cotas foram entrando na normalidade e os Princípios fundamentais voltaram de novo a imperar. Pelo menos assim o creio. Caso contrário à humanidade terá de reagir contra o contágio ou contra os seus malefícios externos e o povo russo contra os seus inconvenientes internos.

Nova pergunta se oferece ao jornalista, que se não perde em delongas:

— V. Ex.º que via funcionar o regime parlamentar considera que apesar de tudo é este o regime que convém ao nosso País?

— Que condições encontra V. Ex.º indispensáveis para o bom êxito entre nós dum regime fundamentado na livre expressão do sufrágio popular?  
— Creio na eficácia do regime democrático em qualquer das suas manifestações portuguesas, francesas, inglesas e da América do Norte, convenientemente amparado e por forma a que funcione fisiologicamente bem no organismo social. Creio que desse regime e só dele pode resultar o bem que todos temos em vista nos projectos que fazem de vida sem miséria e sem medo.

— Regimes parlamentar, sem dúvida, e com todas as liberdades fundamentais. Ser-êle cada vez mais perfeito, à medida que o povo seja mais instruído e mais educado.

— De resto creio que há meio de fazer funcionar regularmente os parlamentos. Basta um regime severo e um presidente que o aplique energeticamente. Também creio que se podem fazer eleições limpas.

Basta que o Poder Judicial as fiscalize e que esse poder seja o que deve ser, isto é, impar-

## O Oxigénio e o Amor

(Continuação da página 2)

Pode parecer que isto é um pouco de exagero. — Mas atentem bem o que acontece ao meu amigo Felizardo, bom rapaz, com uma cultura de dois mil hectares de batatas e que, pela Pascoa, costuma vir sempre a Lisboa.

Meteu-se num eléctrico para Algue. Sentiu-se pacatamente a caminho de regresso para o Dafundo. Elucidaram-lhe, claro, que o carro não lá — é ele com o qual se foi de férias ao Alqueirão que lá ao Aquário ver os peixes.

— É só um bocadinho a pé...  
Reparou, então, que, a seu lado, uma linda rapariga, de cabelos fartos, negros — e olhos fatais — o mirava com interesse — e estava brava.

— Mas não se preocupe, não lhe mais informações. Meteu conversa. Disse quem era, aumentando, claro, os seus da fortuna. Quando chegaram a Algue, apara-se — e a pequena, muito saudada despediu-se e explicou-lhe o caminho para o Aquário — e sem lhe querer de forma alguma dizer quem era, contou-lhe que se chamava Beatriz, que era aluna de le-

tra, que tinha vinte e três anos e que ao papá custava-lhe subir o 4.º andar da rua tal, n.º tal, à esquina há uma padaria. São passados dois dias, uma daquelas janelas do prédio silencioso se abriu e é ele vivo aparecer uma radiosa figura loura, que o mirava com interesse. Não podia ser. Não era aquela outra morena, cabelos pretos.

— E assim andou o Felizardo perdido pela rua de Lisboa, em procura da sua apaixonada. Sobreretudo a dúvida que se lhe arrebatou do peito — o homem não sabia, de certo, tinha-o enganado. A morada estava errada!

— E aquilo foi o palhaço que lhe trouxe o apeteite. Pôs anúncio nos jornais. Vasculhou a cidade inteira. Chegou a ir a três ou três milhas de distância, durante, a semana teve lugar marcado no cinema de Algue.

— Nada angustioso — abalou para a aldeia com trinta e oito de febre e securas na garganta. E não há forma de se conformar.

— A sua morena, de fartos cabelos pretos!  
Nunca mais a encontrará — porque a água oxigenada vitimou aquela aparição de sonho...

— Que lhe diz a sua intuição de estatista quanto à fisionomia do Mundo Novo para além da guerra?

— O novo mundo do pós-guerra será caracterizado pelo constante esforço de melhorar as condições de vida materiais e espirituais de todos os homens. Para tanto será necessário acabar com o capitalismo; evitar a acumulação da riqueza, legislar sobre as grandes heranças com o fim de evitar o parasitismo, mas tendo o cuidado de não destruir a instituição para mim sagrada da família, a mais útil e necessária de todas nas comunidades humanas, mas de modo a assegurar que todos tenham de trabalhar manual e intelectual para viver; estabelecer a absoluta segurança pública individual e colectiva; tornar impossíveis as guerras.

— E tudo isto que o Novo Mundo se vai esforçar por conseguir.

— Quem organizará o mundo, os anglo-saxões ou os russos?

— O Novo Mundo será organizado por toda a humanidade, e não somente pelos anglo-saxões ou pelos russos, mas tanto os russos como os anglo-saxões concorrem, sem dúvida, para a felicidade geral. Não devemos esquecer que além da felicidade de toda a humanidade, há a felicidade de cada nação, e dentro de cada nação há a felicidade de cada família, cada uma com aspectos e particularidades diversas, de harmonia com as índoles nacionais e familiares. E dentro de cada família há a considerar como essencial e primário a felicidade de cada indivíduo.

Nada de uniformidade, nada de vida das formigas ou das abelhas. Somos homens livres e queremos viver em colectividades livres como povos livres.

— Marchará o mundo no sentido dum reforço de comunitarismo ou julga que os contactos provocados pelo autoritarismo poderão levar a uma reacção personalista?

— O mundo não irá nem para o comunitarismo, que se há-de transformar na Rússia rapidamente em consequência da presente guerra, da expansão russa, do contacto dos russos, cada vez maiores com novos povos de mentalidades latina e anglo-saxónica e muito menos para o personalismo que seria impossível predominarem em povos cada vez mais civilizados, educados e instruídos.

O Mundo Novo será o Mundo Velho, seja: as suas injustiças e as suas violências.

mente independente moralmente e materialmente. O novo regime não veio capaz de se tornar a nação civilizada a não ser o regime democrático parlamentar. O regime da Rússia não me serve evidentemente. É o mais pesado dos totalitarismos. Os partidos devem ser em número limitado. Os parlamentos deviam ser eleitos por quatro a seis anos e durante esse período não se deviam poder formar novos partidos. Seis meses antes das eleições um ou mais grupos de 10.000 cidadãos, no mínimo, poderiam lançar os programas de novos partidos e fazer a sua propaganda. Para esses novos partidos terem representação no Parlamento haveria de ser eleito um mínimo de 10 deputados em cada um.

Tudo se devia fazer para haver apenas três partidos políticos ou correntes de opinião diversas. Não deviam poder ser proclamados chefes de partido pessoas que não oferecessem garantias de idade, de exercício de funções públicas, etc.

O jornalista interroga de novo o antigo e eminentemente homem público:

— A reacção estatística e comunitária que se traduziu nos regimes totalitários nacionalistas ou marxistas é fundamentalmente a expressão dum fenómeno económico-social. Os problemas que esse fenómeno criou poderão, porém ser equacionados dentro dum conceito de Estado com características liberais democráticas?

— Julgo que uma coisa é uma justa e equitativa igualdade económica e outra a liberdade nas suas diversas manifestações. Ambas podem e devem coexistir numa democracia. As democracias carecem das duas.

Não sou comunista e nunca vi a menor necessidade de o ser para conseguir a realização dos meus ideais de bem-estar geral, de justiça, de segurança individual, de respeito pela pessoa humana, de culto pela dignidade humana, de educação e instrução geral, de aproveitamento de todos os valores humanos, de extirpação da miséria e do medo do seio de todas as sociedades humanas.

Para poder ser comunista é que me abalancei em Angola sempre o fiz com os meus conselheiros, que eram os meus parlamentos, com os meus funcionários e com as corporações das colónias, cujas opiniões sempre ouvi e respeitei, e que muitas vezes me fizeram mudar de rumo. Governar com o consenso de todos.

Arriscamos uma nova pergunta:

FOURURES  
(MAITRES-COUPEURS)

FURS  
(EXPERT - GUTERS)

PRIMOROSAS CONFECÇÕES EXECUTADAS POR PESSOAL TECNICO ESTRANGEIRO. SOB MODELOS IMPORTADOS EXPRESSAMENTE DE NEW-YORK

VISIONS, CASTORES - CANADÁ.  
ASTRAKANS  
E TODAS AS PELES FINAS

OS MODELOS SÃO EXCLUSIVOS E NÃO SE ENCONTRAM EM PASSAGEIS

R. RODRIGUES CAMPAIA, 160 TEL. 4-0961



# “O”

(Continuação da página 21)

— Para isso...  
— Para isso, distribuiu-se por Lisboa doze quartéis agrupados 3 a 3 por quatro zonas de acção, correspondentes a companhias de combate.

— Foi feita portanto uma divisão de Lisboa em quatro partes mais ou menos iguais...

— Não. A demarcação das zonas de combate não obedeceu a preocupações de simetria, mas à variedade das necessidades e portanto a um coeficiente de risco que é resultante do risco propriamente dito e da sua acessibilidade.

— Quem dirige cada zona de acção?  
— Por cada uma, há um chefe de serviço, que, inicialmente, é quem dirige a manobra nos casos de prestação de serviços.

— É possível obter-se com essa organização grande prontidão na prestação de socorros.

— Sim. Os resultados obtidos têm sido satisfatórios. A demora na prestação de serviços raramente excede dois minutos. Os registos cronométricos de todas as saídas do material de socorros devidamente guardado, dão as saídas dos quartéis em cerca de 30 segundos depois da chamada.

— E os meios de transporte de que os bombeiros dispõem facilitam a rapidez na prestação dos serviços?

— Multíssimo. E incontestável a sua celeridade. No entanto, para conseguirmos aqueles resultados não são necessárias velocidades vertiginosas.

— Quanto a comunicações?

— O telefone. No entanto...  
— O senhor Major Gomes Marques, não pôde esconder a sua alegria por abordar tal assunto.

— No entanto?  
— ...Confio que dentro de pouco tempo, as comunicações entre o pessoal de serviço nos locais de alistar e o comando, até agora feitas pelo telefone, sejam tornadas rádioeléctricas.

— Alguma coisa de positivo acresce dessa possibilidade?

— Tem-se realizado inúmeras experiências e cada uma delas tem vindo fortalecer a convicção de que os melhores resultados.

— Quanto à preparação do pessoal, sob que critério lhe é ministrada a instrução?

— A instrução do pessoal é ministrada com os olhos postos na necessidade para um bombeiro, dum sólida formação moral, dum perfeita preparação física e finalmente dum completa preparação técnica. No que respeita à formação moral, os bons exemplos, a dedicação sem limites, a compreensão dos deveres e o constantemente estimulados. Graças a isso os sapadores bombeiros servem a sua profissão com abnegação e desinteresse da própria vida.

— Quanto à educação física?

— A educação física merece-nos cuidados especiais, porque é absolutamente indispensável para um desempenho perfeito das missões arcaicas de que, por vezes, os sapadores bombeiros são incumbidos. E ministrada intensamente por instrutores competentes, com o fito de conservar e desenvolver o vigor, a destreza e o desembaraço. A instrução técnica não podia nunca ser perçua preparação física deixasse a desejar. Deste modo, já nos é possível preparar tecnicamente os sapadores bombeiros com o cuidado da perfeição e do pormenor. No que se refere à técnica, a instrução não cessa. Os conhecimentos gerais exigem um ano de trabalho constante e só após ele os homens são considerados em condições de poderem começar a prestar serviço. Todos os pormenores são citados, não só no que respeita aos serviços de socorros como aos de prevenção. E são tantos e tão variados os serviços que o sapador bombeiro é chamado a prestar que nunca a sua formação está completa.

— E, por certo, graças a essa instrução, os bombeiros atingiram um nível de perfeição considerável...

— Da forma como os serviços são prestados, fala o reconhecimento da cidade, através das manifestações de carinho com que agraça os seus sapadores bombeiros. Os serviços prestados avolumam-se de ano para ano e em 1944 prestaram-se em Lisboa, cerca de 6.500 serviços. Os sapadores dispõem hoje de meios para su-

correr a cidade em tudo o que a aflige. E quantas vezes os incumbem de trabalhos que a outros melhor cabiam.

Porém, não obstante o incontestável reconhecimento da cidade, às vezes — e é bastante me custa constatar este facto — há quem se lembre de brincar e, em chamada falsa, reclame os serviços dos sapadores bombeiros. São lamentáveis estas brincadeiras, numa cidade como Lisboa, cujo grau de civilidade todos nos esforçamos por melhorar.

O Major Gomes Marques mirou o relógio e desenhou-se no rosto um sorriso de satisfação.

— São horas de instrução. Quer assistir?

Salmos. O senhor comandante Marques conduziu-me a uma vasta parada, onde estacionava todo o material, vermelho como a ardência das chamas.

Homens robustos, engitados por alvas equipas de ginástica, debaixo de forma aguardavam ordens. Ouviu-se uma voz estridente de sentido. A um tempo, os homens preflaram-se, como se fossem peças duma mesma máquina.

A instrução começou. Uma vasta área da parada ficou pintalagada de branco, num xadrez perfeito. Uma série de exercícios de conjunto, surpreendentes de correcção, num ritmo inalterável, excelentemente sincronizado, ofereceram-me um espectáculo maravilhoso. Depois, foram posto da objectiva do fotógrafo atento, uma série infinita de saltos artísticos e arcaicíssimos.

O comandante Gomes Marques, sorria satisfeito, da minha admiração.

— Agora vamos à piscina. Ai, dois homens lançaram-se à água e fizeram uma demonstração de salvamento e transporte.

— Ignorava esta particularidade da instrução — revelei.

O Comandante nem deu conta da minha observação e disse:  
— Não expulso porque não gosto de cansar os homens, vou ordenar uns exercícios.

O chefe Rodrigues ocorreu ao seu chamamento. Ouviu-se um silvo prolongado. Todo o material estacionado, como por encanto, rompeu em movimento. Todos aqueles homens, como formigas cruzavam-se em busca dos seus postos ou no desempenho das missões que lhes eram atribuídas. Momentos decorridos estava leçada uma «Magistra», junto dum edifício destinado aos exercícios. Os homens romperam de maridar como gatos, com uma destreza e um arrojado invulgar. Executaram-se três modalidades de salvamento — com manga, às costas e com espaço.

O Comandante Marques não podia ocultar a sua satisfação.

E eu, no meu olhar de leigo, revelava a minha admiração por aqueles homens desinteressados que empunham os seus esforços, os seus conhecimentos e a sua valentia, no trabalho árduo, mas glorioso de salvar vidas, de dar por outra vida a própria vida.



**Teodoro**

APRESENTA A  
MAIS RICA  
COLECCÃO DE  
PEÇES E CON-  
FECCÕES NOS  
SEUS ESTABE-  
LECIMENTOS  
DAS

**RUA DO CARMO, 29-31  
RUA DA PALMA, 117-121**

TELEFONE P. B. X. 20784  
**LISBOA**

**PRODUTOS QUE REJUVESCEM A PESSOA**



**TOME HOJE MESMO  
LAXOBAC**

Ode pelos seus intestinos. Deverei trabalhar com a regularidade dos seus relógios. Tome LAXOBAC, o novo laxativo laxativo que actua suavemente, mas com firmeza, sem causar a mais leve dor ou incómodo. «Laxobac» agrada, tanto aos adultos como as crianças, devido ao seu sabor agradabilíssimo.

**LAXOBAC**

Em todas as farmácias a Escudos 5850 e 12800 cada caixa. Lembrem-se do nome.

**ASSEGURE A FRESCURA E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS USANDO**

**Petróleo iodado  
Cliper**

Os cabelos deixam de cair — Novos cabelos nascem com abundância

**Experimentar os produtos Cliper significa adoptá-los para sempre**



# NOS BASTIÕES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA

VI  
POR  
**JOSÉ CORREIA  
RIBEIRO**  
CONTINUAÇÃO  
DOS NÚMEROS  
ANTERIORES

## COM O FOLIO PREPARADO EM LISBOA, O ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

Como nem o brigadeiro-geral Maxwell Taylor, segundo comandante de todas as divisões aéreo-transportadas americanas, nem os seus superiores estavam absolutamente convencidos de que podiam contar com o auxílio das tropas italianas dos arredores de Roma, decidiu-se que algum fôsse à capital italiana para fazer determinados preparativos.

Foram escolhidos para esta missão, o próprio general Taylor e o coronel William Tudor Gardiner, das Forças Aéreas do Exército dos Estados Unidos. A operação de Roma, todavia, ficou logo definitivamente combinada e o general Alexander não permitiu que os dois oficiais partissem no desempenho da sua missão, sendo vinte e quatro horas antes do ataque paraquedista. A justificação para esta proibiçào aparentemente estranha era simples.

Taylor e Gardiner iam correr enormes perigos. Se fossem apanhados demasiadamente antes da hora H, o plano podia vir a ser descoberto pelos alemães a tempo de poderem executar rápidos e eficazes contra-medidas. Se isto acontecesse, toda a divisào paraquedista estaria irremediavelmente perdida. Desde que se limitasse as possibilidades de aprisionamento a um tempo mínimo, este risco ficaria bastante reduzido e continuaria a haver probabilidades da operação ser bem sucedida.

Taylor e Gardiner saíram de Cassibile na manhã de 6 de Setembro e ficaram, em Palermo, hospedados na casa do comandante naval aliado. Entretanto, os Italianos que tinham ficado em Cassibile comunicaram, por meio dum aparelho portátil de rádio oferecido pelo americano, que se fizessem os necessários preparativos para receber secretamente em Roma os emissários norte-americanos.

Taylor e Gardiner só se conheceram poucos minutos antes de iniciarem a grande aventura. Mas, como simpatizaram instantaneamente um com o outro, a colaboraçào entre eles foi extraordinariamente frutífera.

Quando se realizou esta fantástica missão, Taylor era brigadeiro-geral e contava quarenta e dois anos. Formado em West-Point, personificava o verdadeiro prototipo do oficial jovem, agressivo e desembaraçado que comanda as divisões paraquedistas do exército norte-americano.

O coronel Gardiner era dez anos mais velho do que Taylor. Formado em Harvard, veterano da I Guerra Mundial e advogado na vida civil, fôra durante dois mandatos, gover-

nador do Estado de Maine. Depois de abandonar a politica, fizera advocacia em Boston e Nova York, e aprendera a voar aos quarenta e dois anos, para se deslocar mais rapidamente da sua terra natal à Nova York e vice-versa.

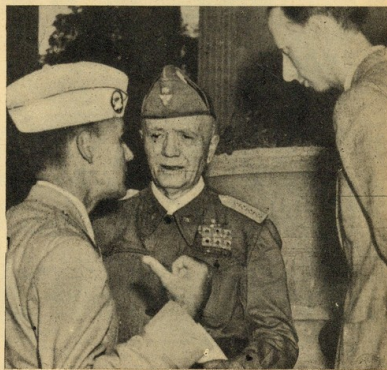
Depois de demorada discussào sobre a melhor maneira de se disfarçarem, ficou resolvido que ambos os oficiais envergariam os seus uniformes. Se fossem capturados e interrogados, fingiriam ser aviadores cujo avião fôra abatido sobre o Mediterrâneo. Os uniformes tornaram-se facilmente impossíveis que os Julgassem espões. O general Taylor levava uma pequena pistola Beretta, aprendida a um prisioneiro italiano na Sicília. O coronel Gardiner transportava no cinto um Colt 45 do modelo regular militar no exército. As armas e os uniformes comprovavam a legitimidade da aterrorizaçào de serem oficiais, combatentes e não espões como se poderia supor. Além disso, o péso das pistolas também dava aos dois oficiais uma confiança psicológica extremamente reconfortante...

A escuridão completa das quatro horas da madrugada de 7 de Setembro, Taylor e Gardiner embarcaram numa vedeta torpedeira, que os transportou durante a primeira fase da viagem. A principal do barco navegou devagar, ganhando velocidade à medida que saía do porto, e, finalmente movendo-se com os motores a toda a força, dirigiu-se através do negrume da noite para a pequena ilha de Ustica, situada a quarenta milhas a noroeste da Sicília.

Chegaram a Ustica ao romper do dia. Combinaram-se um encontro ali com uma corveta italiana. Esta chegou à ilha marcada.

O dia passou-se agradavelmente a bordo da corveta. O almirante Mangervic, da marinha da guerra italiana, que era o hospedeiro dos dois oficiais americanos, esforçou-se o mais possível para tornar confortável esta relativamente longa viagem de 200 milhas. Havia comida e vinho com abundância. As condições atmosféricas eram perfeitas e o mar estava calmo. Cerca das 6.30 da noite, a corveta italiana entrou no porto e atracou ao cais. Estavam em Gaeta, a aproximadamente setenta e cinco milhas de Roma.

Os dois americanos desceram a prancha que ligava o cais à corveta sob a guarda atenta dum escolta italiano, destinada a desempenhar a tarefa de guarda avançada, com dois aviadores capturados no alto-mar. Por seu turno, os dois americanos tinham guardado as biuvas nas algibeiras e apresentaram-se despidos, sem gravata e com os dol-



O brigadeiro-geral Maxwell Taylor, cuja fantástica missão é descrita neste artigo, com o velho marçal Rodolfo, na presença de Montanari, funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Itália e signatário dos acordos de armistício.

mans desabotoados para tornar perfeita a imitação de serem prisioneiros de guerra que não tinham sido tratados com qualquer espécie de consideração. Por último, foram empurrados brutalmente para dentro dum automóvel...

O carro pôs-se rapidamente em movimento, afastando-se do cais sem uma única paragem, em direcção a uma localidade situada, nos arredores, a duas milhas de Gaeta, onde fez um desvio para um atalho, invisível da estrada principal. Aguardava-os ali um pequeno veículo. Aparentemente, tinha o aspecto dum camiãoeta usada pelos forjistas e pelos grandes armadores para distribuir as compras dos seus fregueses.

Taylor e Gardiner passaram-se rapidamente do automóvel para a camiãoeta, que imediatamente se dirigiu para a Via Ápia em direcção a Roma. Os dois oficiais observavam interessadamente através das vidraças os aspectos da paisagem. Notaram que entre Gaeta e a capital italiana, não tinham sido tomadas medidas militares defensivas. Numa extensão de setenta e cinco milhas contaram apenas seis casamatas. Procuraram a presença de soldados alemães, mas apenas avistaram durante toda a viagem quatro elementos fardados da Wehrmacht. Todavia, ao longo de ambos os lados da Via Ápia haviam indícios de trânsito cuidadosamente escritas em alemão, para que as unidades germânicas concentradas em pontos afastados da estrada principal, pudessem garantir-se nos percursos em que tivessem de seguir por estradas subsidiárias.

Ao cair da noite chegaram a Roma e caminharam a travessou varias avenidas em direcção ao Palazzo Caprea e deteve-se à porta dum imponente edifício de pedra, situado mesmo em frente do ministério da Guerra Italiano. Era ali o esconderijo de Taylor e Gardiner. Estes saltaram da camiãoeta e apressaram-se a entrar para dentro de casa.

Dos grandes escuridão do segundo andar tinham sido preparados em quartos confortáveis. Eram aposentos magníficos, de paredes

admiravelmente almofadadas à maneira negra, com lindíssimos quadros antigos. Nos aposentos contíguos havia enormes salas de banho, com maravilhosos espelhos, tapetes luxuosos e objectos em mármore e prata. Os dois convidados ficaram espantadíssimos. No dia anterior, tinham dormido em tendas de campanha cobertas de poeira e infestadas de mosquitos e tinham-se lavado e feito a barba com água fria, retida dum bidon de galinhas...

Taylor e Gardiner foram recebidos pelo chefe do Estado-Maior e ajudante do general Carboni, comandante de todas as tropas italianas da área de Roma. Entretanto, fôra preparado um sumptuoso banquete para os hóspedes americanos. As mesas foram postas nos próprios quartos dos oficiais, cobertas com belíssimas toalhas de linho, riquíssimas baxelas de prata e numerosas jarras com flores.

Os dois oficiais Italianos encerrados de receber os americanos não tinham a mais pequena noção, tal como nenhum dos outros Italianos com quem entraram em contacto, da imminência da operação militar aliada. Todos queriam que aquêle jantar fôsse uma festa memorável e destacaram-lhes muito calorosamente, através de mensagens em muito tempo banquete de cerimónia. Não tinham sido os seus superiores a serem chamados a realizarem conferências com os oficiais de alta patente responsáveis. Amanhã teriam que acudir a jantar de negócios, diziam os Italianos. Entretanto, bebamos mais um copo de vinho...

Gardiner e Taylor estavam pasmados e Estupefactos em terra-fôrta. O armistício devia ser anunciado ao mundo na noite de quarta-feira, isto é, menos de duas horas depois, e os aliados deviam desembarcar na praia de Salerno às primeiras horas da manhã seguinte. A operação aéreo-transportada à qual os dois oficiais americanos estavam especificamente ligados devia ter lugar seis horas antes dos desembarques.

(Continua)

L. MAITRE & FILS S.A.

LE NOIRMONT (SUISSE)  
CABELE - PHOTON TEL. 641 05





**A** TE na morte há privilégios, digam o que disserem. A verdade é que há vidas que se apagam como uma luz, suavemente, naturalmente, na breve transição entre a vida e a morte e outras que são arrebatadas numa torrente impetuosa, dramaticamente, sem, que, no momento supremo tenham perto uma carícia amiga.

Por vezes a morte surge, com fria solenidade; outras, parece querer dar nas vistas, atirar aos olhos do mundo e da vida com o seu poderio ímpar e maravilhoso.

Assim parece ter acontecido com Lupe Vélez a infeliz artista que o Cinema tornou célebre e a morte roubou, tragicamente, à admiração dos seus fãs.

Um asar permanente parecia persegui-la. E até depois da morte a ter arrebatado à glória, que começava a sorrir-lhe, surge a notícia da venda dos seus bens em hasta pública, em Hollywood.

Foram quatro os herdeiros da trepidante svedeta: sua mãe, dois sobrinhos e Beulah Kinder, sua secretária e amiga durante dōze anos. Lupe vivia encantada com a sua casa. Mas tinha grande predilecção pelas jóias e peles e a tentação dos sapatos — cētra de cem pares!

Há catorze anos que Lupe Vélez vivia nessa casa, que alugou a Mrs. Virginia Kuppinger, esposa dum tenente do Exército americano, pela quantia de mil setecentos e cinquenta dólares, — quasi a quarta parte do seu valor.

Trēze casacos e capas de smartas e arminhos, avallados em setenta e cinco mil dólares, venderam-se por oito mil e tudo o resto, jóias, vestidos, mobílias, foi vendido por baixo preço a comerciantes e admiradores da artista, que queriam suma recordação.

A mobília de sala de jantar, estilo Renascença italiano, mandada fazer, expressamente, por Gary Cooper, na época feliz dos seus amores, não attingiu, na almoeada, mais que quinhentos dólares.

Dois retratos de Gary Cooper, em molduras de madeira trabalhada, venderam-se por três dólares, e Mrs. Buck Jones, viúva do célebre artista, adquiriu o quadro «La Madona», de Vinci, avallado em vinte mil dólares, por mil setecentos e vinte cinco!

Enzo Pinza, o famoso barítono do Metropolitano, pagou cinco mil novecentos e cinquenta dólares por uma bellissima esmeralda.

E um dos mais belos vestidos de noite da artista, coberto de lantejoulas, que brilhava sobre o corpo frágil e elegante da vedeta mexicana, foi vendido por trinta e cinco dólares!

E assim — ou pior ainda — foram vendidos inúmeros objectos, muitos dos quaes, deveriam ter, para a artista, invulgar valor estimativo.

Duplamente desafortunada, porque morreu em plena juventude e porque, depois de morta, não deixou a terrura duma alma que quisesse perpetuar tudo que lhe foi querido, pode bem dizer-se que a pobre Lupe Vélez que conheceu o amor, a glória, a dor e o desinteresse — morreu duas vezes...



Durante as filmagens de «Parada dos Escândalos»



Joan ensina sua filha Beverly, que entra no mesmo filme...



À NOSSA SAUDE, SHIRLEY!

**LUPE VELEZ  
MORREU  
DUAS VEZES...**



# JOAN DAVIS

## UMA ACTRIZ QUE GANHA RIOS DE DINHEIRO!

Joan Davis, a grande cômica do Teatro, do Cinema e da Rádio, tornou-se célebre nos tempos do «vaudeville», pelas suas incríveis habilidades acrobáticas. Chamavam-lhe a «rapariga das pernas de borrachas!»

Hoje veio a Rádio, e Joan Davis triunfou estrondosamente pela sua graça tão original e pela sua personalidade. Nas estações de Rádio, é a artista mais bem paga; no cinema, ganha rios de dinheiro. E deve ser feliz, sempre em seu saudável optimismo, que parece ser contagiado e transmite a aqueles que a rodeiam.

Presentemente, Joan Davis trabalha no filme «Parada em Beudalosa», de cujas filmagens reproduzimos algumas cenas.



Cômica — até a fazer o «maquillage!»



A incrível Joan Davis...

# FOI ASSIM O CASAMENTO DA SHIRLEY

**Q**UE a Shirley Temple se casou, já os nossos leitores sabem. Mas gostarão, de saber, como foi esse casamento que interessou a América inteira... Alguns americanos, disseram, até, que o casamento os tinha feito a todos mais velhos...

Shirley, que aos onze anos ganhava três milhões de dólares, deixou de ser uma «menina prodígio», para ser uma mulher encantadora.

E seu marido, o sargento John Aga (nem por ele casar com a Shirley o promoveram) deve sentir-se feliz.

A cerimónia realizou-se na Igreja Metodista Wilshire, e constituiu o maior acontecimento social de Hollywood, depois das bodas de Vilma Banky e Rod La Roque, em 1927.

Milhares de pessoas assistiram à festa e muitas mais aguardaram, fora do templo, só para ver a Shirley.

Uma orquestra cigana tocou no «scopo de água», que deve ter sido, antes, muitas taças de champanhe, pois os convidados consumiram vinte caixotes de garrafas!

Foi, em suma, um casamento de escândalo, mas de escândalo pela muita simpatia da noiva, pelo facto de ninguém querer convencer-se de que a «menina de ontem, tinha sido transformada, pela varinha mágica do tempo, numa linda e encantadora mulher!...



Felizes, os dois...



Os noivos depois de mudarem de to, reaparecem aos convidados...



Os noivos foram impiedosamente metralhados...



Os noivos com as «damas de honra».



A multidão, fora da igreja, com-prima-se, ardendo em curiosidade.



# SUPER BÉBÉS

## Crianças alemãs soldados de amanhã

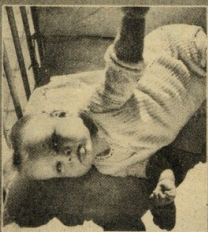
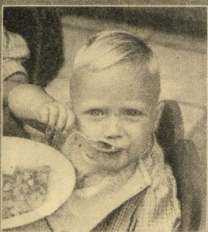
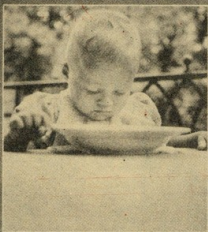
**H**A, na Alemanha, inúmeras creches de filhos ilegítimos dos soldados alemães — os chamados «filhos do Estado», que constituem um problema para os aliados.

Filhos de pais desconhecidos, que o Estado alemão criava para deles fazer os soldados de amanhã, foram «descobertos» pelas tropas aliadas, nas várias creches onde se encontravam.

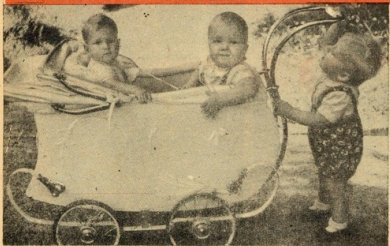
Estas fotos foram obtidas no Castelo de Hohenerst, onde ainda funciona uma creche.

Os pequenos «nazis» regulam entre os dois e os cinco anos. São todos filhos dos homens do S. S., encorajados por Himmler para produzirem super-bébés — os fanáticos «nazis» de amanhã.

Não se sabe, ainda, como vão os aliados resolver o problema. Em todo o caso, devem verificar, com prazer, que chegaram a tempo de conseguir que esses pequenos alemães, peguem numa enxada em vez de apreenderem a manejar uma espingarda...



A alimentação é cuidadosamente preparada. São precisos homens robustos.



Este bebé mais crescidinho leva os seus companheiros a passear



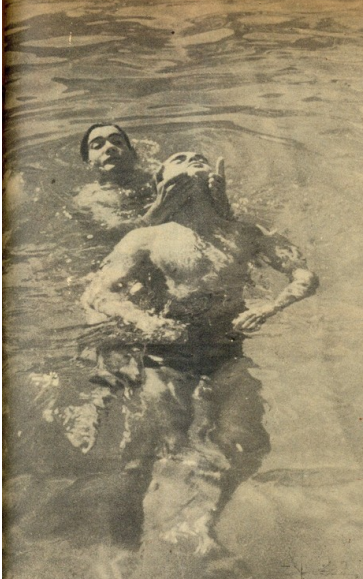
Aqui, neste amplo terraço sobranceiro ao mar, os bebês tomam banhos de sol.



# A EPOPEIA DOS BOMBEIROS

## “VINDA POR VINDA”

UMA REPORTAGEM DE CARLOS RUAS



Salvamento dum naufrago, por um sapador bombeiro.

O português valente tem o culto do balófo. Em matéria de conhecimentos, atrai olhares inquiridores para o por-cima das coisas, mas um por-cima fantástico, sentimental e romântico. À esnóda, o sumo, despreza-os com uma indiferença sem limites.

As profissões, por exemplo, são matéria de pasto sentimental para o nosso povo. Encara-as a todas elas com a pecha da unilateralidade e, áberca de cada uma, um sentimentalismo de faduncho, gerou um conceito absolutamente inapagável. Assim, o polícia, o desgraçado polícia, na mentalidade dos portugueses, tem os parentes na lama... E que polícia, relaciona-se com prisão e, na mente portuguesa, num facto fluente de sentimento, surge logo este quadro doloroso, um desgraçado na cadeia, um lar sem pão, um regimento de filhos pequeninos estendendo a mão à caridade pública. E quem paga é o polícia, o infeliz civico, que suporta um rir de horas parado no mesmo sítio e a animosidade do povo. E, no fim de contas, o polícia, tem muitas feições simpáticas na sua actividade. Mas o «Zé», cego pelo sentimento, nem dá conta delas.

O que nos vale é que se o sentimento, por vezes o arrasta a detestar, mais, a não tolerar determinadas profissões, outras há que têm o seu apolo absoluto e a sua extrema simpatia. Neste caso está a profissão de bombeiro. Mas lá vem a tal tendência para a análise e de superfices. A questão em si, a realidade da profissão, não são nunca encarados. O povoinho não sabe o que os bombeiros fazem, os meios de que dispõem, a preparação que têm e, principalmente, se eles têm uma organização que lhe salvaguarde a vida e os tarefas. Ignora e não quer saber. Porque para ele, não existe uma corporação, existem homens sublimes de altruísmo e abnegação. E, quanto a ideias concretas, existe em cada cabeça em pinçeladas vagas, o tal quadro plegas: o bal-

lado macabro das chamas, crianças gritando por socorro, mãos extremosas estendendo-se em lágrimas e o bombeiro providencial no seu abnegado desinteresse, a salvar aquela gente toda... E pronto. As realidades morrem na mente portuguesa e subsiste só aquê sentimentalismo chorado, a cheirar a fadinho e a facadas.

O exemplo dos bombeiros vem a talhe de folas. Áberca desta sublime profissão — lá vem o sentimento! — eu vivia também na semi-obscuridade em que me punha a luz baça da minha plegueira. Mas quis esclarecer-me e foi assim que procurei no seu gabinete o senhor Major Gomes Marques, comandante da 3.ª Companhia de Sapadores Bombeiros.

— Sou jornalista — rompi eu — e... — ...pede uma entrevista — completou o senhor Major Gomes Marques, com um sorriso.

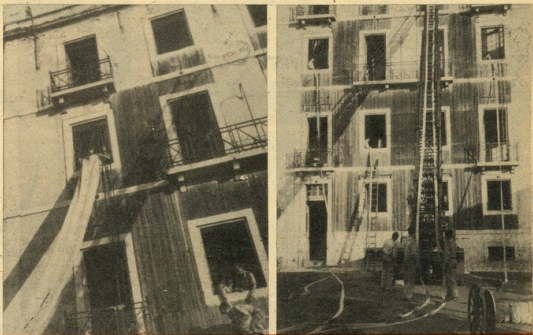
— Exactamente. Gostaria que V. Ex.ª me esclarecesse áberca da organização dos serviços dos Sapadores Bombeiros na cidade de Lisboa.

Percebi que o assunto entusiasmou o meu interlocutor. O prazer que os seus olhos denunciaram por versar tal assunto, o seu dinamismo e, especialmente a preocupação de não perder muito tempo, poppar-me-lam por certo muitas perguntas.

— Começo por esclarecer que — contrariamente ao que algumas pessoas supõem — o serviço dos sapadores bombeiros não se limita exclusivamente à extinção de incêndios. Os bombeiros incumbem-se de serviços de toda a natureza, como transporte de doentes e de feridos, desabamentos, demorramentos, etc., etc. Quanto à organização dos serviços em Lisboa, para ir directamente de encontro à sua pergunta, teve-se a preocupação de tomar em linha de conta a rapidez e a prontidão dos socorros.



Exercícios de escadas.



Um exercício de salvamento.

É com estes exercícios que os sapadores bombeiros praticam, para tantos momentos heróicos, que às vezes costum a vida.



Um fogo en sério. Foi em Abril d'êste ano, na Rua de Santo António, à Estréla.



A ginástica é indispensável aos soldados da Paz...



...e alguns d'êles, são esplêndidos desportistas!



# O MERCADO NEGRO DE BERLIM



Um soldado americano faz, por meio de sinais, um negócio «negro» com um soldado russo. O objecto em causa é um relógio.

Isto é um recanto do «Mercado Negro» de Berlim — o «Tiergarten».



A policia alemã dá ordem aos civis para não estacionarem no «Tiergarten».



Um oficial do Exército Vermelho vende a uma alemã uma garrafa... de bom vinho do Reno!



Este casal elegante prepara-se para vender o que de melhor possui para obter cêneros alimentícios.



Experimentando um acordão antes de o adquirir, Valera a pena trocar as notas de rublos pelas «notas» do instrumento?



Este alemão vende sapatos. Um soldado russo examina, cuidadosamente, a mercadoria.



Este civil foi preso por negociar em armas! Mercado bastante «negro», sem dúvida!

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL: AZEVEDO & DUARTE, Lda  
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1-1518DA-TEL-26297





# PASSATEMPO

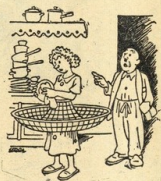


DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para o Rua Marques, 54 de Bandeira, 106-A, 3.ª LISECA.



LABRONEAS

— Um amigo, que é muito tímido, encorajou-me de pedir a mão de sua filha.



— Assim não partirá mais pratos.

## SILENCIO

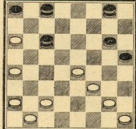


— ... É esta a maneira prática para desenvolver o Torax, daplizar a musculatura e conservar o corpo jovem e belo...



## DAMAS

(Secção portuguesa)  
PROBLEMA N.º 39  
(Indêto)  
Por Cândido Pollicarpo (Santarém)  
Brancas: 9 pedras.



Prezas: 3 pedras e 3 dama.  
Jogam as brancas e ganham.

1.º CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS», POR CORRESPONDENCIA DE «VIDA MUNDIAL ILLUSTRADA».  
(Continuação)  
2.º Eliminatória  
Série D

Manuel Arrhenega Padeiro (Charneca), Francisco A. Henriques (Almeirim) e Domingos de Carvalho Calheiro (Lisboa).  
(Continua)

### SOLUÇÃO DO FINAL DE JOGO N.º 17

Publicado na n.º 223 de «Vida Mundial Ilustrada» de 23/8/945

- |       |       |       |       |
|-------|-------|-------|-------|
| 24-15 | 5-1   | 24-15 | 5-1   |
| 15-2  | 21-17 | 15-2  | 21-18 |
| 2-9   | 30-26 | 2-9   | 18-14 |
| 9-2   | 28-22 | 9-2   | 19-27 |
| 2-9   | 22-19 | 2-9   | 16-10 |
| 9-2   | 19-14 | 9-2   | 27-23 |
| 2-9   |       | 2-9   |       |
| E.    |       | E.    |       |

- |              |              |       |       |
|--------------|--------------|-------|-------|
| 3.º hipótese | 4.º hipótese |       |       |
| 24-15        | 5-1          | 24-15 | 21-17 |
| 15-2         | 21-18        | 15-2  | 5-1   |
| 2-9          | 18-14        | 2-9   | 30-26 |
| 9-2          | 30-26        | 9-2   | 28-22 |
| 2-9          | 28-21        | 2-9   | 22-19 |
| 9-16         | 14-11        | 9-2   | 19-14 |
| 16-4         | 21-17        | 2-9   | 14-11 |
| 4-11         | 1-5          | 9-2   | 17-13 |
| 11-15        | 5-2          | 2-10  | 15-8  |
| 15-19        | 2-5          | 11-11 | 5-2   |
| 3-6          | 10-3         | 3-6   | 10-3  |
| 15-1         |              | 11-14 |       |
| E.           |              | E.    |       |

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 44 (Concursos)  
Por Filipe Alípio Reis Teles Moniz Cárte-Real  
(Vila Teixeira da Silva — Angola)  
ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Apellido de um grande artista de cinema. 2 — Que vende caro. 3 — Cobertura de areia. 4 — Passo de dança no sarau (ant.). 5 — Branqueasse.  
VERTICAIS: 1 — Aquil. 2 — Apellido de uma grande artista de cinema. 3 — Encher de areia. 4 — Mulher que finga devoção. 5 — Ave galinácea (plur.). 6 — De cobre ou bronze (plur.). 7 — Artigo.

### SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 43

HORIZONTAIS: 1 — Ataca; atina. 2 — Cabos; varram. 3 — Alans; comida. 4 — Bandido; asar. 5 — Ass; emir; ro. 6 — Remedias. 7 — As; moda; ate. 8 — Remo; osolev. 9 — Abalar; rama. 10 — Roliar; redor. 11 — Anara; amara.  
VERTICAIS: 1 — Acaba; arara. 2 — Talas; sebos. 3 — Abanar; mala. 4 — Comi; emolar. 5 — As; demor; ara. 6 — Comedor. 7 — Avo; idas; ra. 8 — Tamara; orem. 9 — Iri; selada. 10 — Nadar; temor. 11 — Amaro; avara.

SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 43  
D. Herminia Folgosa, João Folgosa Ruas, José Luis da Cruz, José Luis da Costa, Jacinto B. Marques e Eurico Machado (Lisboa). Severo (Aveiro). Tripeiro (Porto). Nicolau F. Tejo de Morais (Viseu). Rogério de Almeida (Amadora) e João Gouveia (Lisboa).

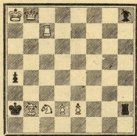
### 5.º hipótese

- |       |       |
|-------|-------|
| 24-15 | 21-18 |
| 15-2  | 5-1   |
| 2-9   | 10-5  |
| 9-2   | 30-26 |
| 2-15  | 28-21 |
| 15-22 | 18-14 |
| 22-18 |       |
| E.    |       |

Nota — O segredo da solução deste final consiste no seu 1.º lance 24-15. E afotamente podemos assegurar que ninguém o executa, pois não é de conceber por parecer um lance tóxi; e, não o fazendo, as pretas ganham em qualquer hipótese.

## XADREZ

PROBLEMA N.º 18  
Por N. Rutberg (Suécia)



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17  
1. R—fg.

### SOLUCIONISTAS

Rogério de Almeida (Amadora) e Eurico Machado (Lisboa).

## PASSATEMPO

### ANAGRAMAS

(«Vida Mundial Ilustrada», n.º 234 — 8/11/945)

O maior número de anagramas que 4 possível formar das palavras *Ata e Arno*, são as que seguem:  
Lato — Toia — Lota — Talo  
Atol — Toia — Roma — Romá  
Amor — Mora — Ramo.

### SOLUÇÃO DAS PREGUNTAS FEITAS EM 8/11/945

1.º, Madame Mate. 2.º, Em 1880. «Carmen Silva», a rainha Elisabeth da Romênia.

## CHARADAS

(Publicadas em 1/11/945)

### Solução

1 — Cocada. 2 — Comover-Corcha. 4 — Despejo. 5 — Eterno-6 — Forame.

## HIEROGLIFOS

Por Armando Nogueira (Guiné)  
(Dedicados ao seu amigo Armando Basto)

### BEBIDA NI GÔMA

### 6 S A TEMPERO MÀ SORTE

### CONFIANÇA 50 i LISBOA

### ES 1000 SÉCULO 50 OFERECE

### ESTRADA GEM

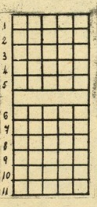
### SOLUÇÕES DOS HIEROGLIFOS PUBLICADOS EM 8/11/945

Caneta, Fumar, Descasca, Armando, Livraria, Sublinhe, Diário, Nomeada.

## PILHA DE PALAVRAS

### PROBLEMA N.º 1

Oferenciado por Armando Nogueira à mensina Maria Jordão




- 1 — Espécie de tecido mais ou menos transparente.
- 2 — Berra.
- 3 — Mapa.
- 4 — Legado.
- 5 — Anão.
- 6 — Fútilo.
- 7 — Pedra óca que contém cristais.
- 8 — Espada curva.
- 9 — Succedâneo de (lodo feminino).
- 10 — Grande cho de fila (pl.).
- 11 — Acafrão.

Resolvido este problema, além de se encontrar na coluna vertical do centro um nome e apelido feminino, encontrar-seão também na primeira coluna vertical até à nona horizontal, as nove primeiras letras do alfabeto.

Nota — O diccionário adoptado para a composição deste problema foi o de Torrinha.





RALPH NEPPEL, SARGENTO DO EXÉ-  
CITO AMERICANO, GRANDE MUTILADO  
DA GUERRA, É BEIJADO PELA SUA  
NOIVA, JEAN MOORE, NA CASA  
BRANCA, AO SER CONDECORADO COM  
A MEDALHA DE HONRA DO CONGRESSO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA EMENDA, 89 2.º - LISBOA - TELEFONE 25844  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), LTD.  
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27